

AGOSTINHO BOTH

CONTOS DO ENVELHECER



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Agostinho Both é professor da universidade de Passo Fundo. O seu interesse com as questões do envelhecimento humano e de sua gestão social começou em 1989. Criou juntamente com colegas o Centro Regional de Estudos e Atividades da Terceira Idade e coordenou-o até 1997. Atualmente dirige, na Faculdade de Educação, os esforços para a formação de recursos humanos em cursos sequenciais e de Pós-graduação em Gerontologia Social.

A partir destas experiências dedicou-se a promover estudos sobre o currículo e a qualidade de vida, realizando atividades em escolas municipais e estaduais. Fundamental, entretanto, se apresenta *A Identidade Existencial e Envelhecimento: Medições do Estado e da Universidade*, uma vez que oferece elementos básicos para a compreensão da identidade e das medições para a gestão social do envelhecimento e da velhice. A presente obra é resultado de estudos da tese de doutorado defendida em 1998.

Possui diversas obras sobre educação relacionada ao desenvolvimento humano tardio.

A obra *Contos do Envelhecer* utiliza o recurso literário como estratégia para avançar na construção de identidades possíveis na terceira idade da vida adulta. Nos *Contos* o autor pretende contribuir na gestão social do envelhecimento e da velhice, estabelecendo inventivos projetos humanos de existir. As narrações atravessam diversos tempos denunciando os aprisionamentos culturais realizados sobre o ser dos mais velhos ao mesmo tempo que eles resistem com encantos e desencantos. Mas, bem mais que

CONTOS DO ENVELHECER



AGOSTINHO BOTH

CONTOS DO ENVELHECER

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2017

Projeto Passo Fundo

Página na internet: **www.projetopassofundo.com.br**

e-mail para contato: **projetopassofundo@gmail.com**

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 09/11/2017

B749c Both, Agostinho
Contos do envelhecer [recurso eletrônico] / Agostinho
Both. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2017.

4 Mb ; PDF

ISBN 978-85-8326-311-1

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Contos brasileiros.

I. Título.

CDU: 869.0(81)-34

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
A SENHORA WEBSTER	9
O VELHO DE TENOCHTITLAN	13
JANEIRO DE 1994	17
DAS TRÊS VELHAS	21
DA MORTE DAS ABANDONADAS	23
O COTIDIANO DE ISABEL	29
A FOGOSA DIOVANA DANIEL	33
MÍDIAS	37
A BENZEDEIRA DE PASSO FUNDO	41
UMA HISTÓRIA DO VELHO PREGUIÇOSO	45
O TECELÃO	49
AS INVENÇÕES DE PE. ALÍPIO OU	53
DE UM CURA DE ALDEIA	53
INCONFORMADO COM AS INSTITUIÇÕES	53
CIDO WOLF	61
ABETINO, O SIMPLES	65
A DOUTORA EM CONVERSA FIADA	69
MAXIM THEODOR LEVONIUS	73
O RELATO INCONTIDO	75
AS MUDANÇAS NO ERIBERTO	79
QUADROS QUEBRADOS	81
JUVELINO MESSIAS PAMPA	85

APRESENTAÇÃO

A velhice, como o ocaso de cada dia, com seu pôr-de-sol púrpuro, é melhor descrito pela linguagem metafórica da boa literatura do que pela prosa seca dos trabalhos acadêmicos. Foi essa a forma que o Professor Agostinho Both, tão bem servido pela arte de trabalhar as palavras, encontrou para circunscrever o sentido profundo do envelhecimento humano, oportunizando aos leitores numa reflexão prazerosa e atual.

O professor Agostinho, entre nós, é pioneiro no trato dessa temática. E nisso está em perfeita sintonia com uma das exigências de nosso tempo: equacionar questões psicológicas e sociais.

Mas não é somente para as atividades sociais e espirituais que o autor conduz seus contos. Ele quer avaliar também o valor das pulsões eróticas, mostrando que os mais velhos tem direito a elas e devem empenhar-se para tê-las.

As reflexões seguem, também, pela trilha da qualidade literária para agrado dos leitores.

Passo Fundo, junho de 1998

Jaime Giolo

A SENHORA WEBSTER

Ninguém é capaz de julgar a dor de uma pessoa. Se tentar julgá-la antes do tempo, estará precipitando o que, possivelmente, nem existirá. Se tentar, depois do tempo, provavelmente, o juízo estará prejudicado por razões atuais. Se tentar julgar no devido tempo, terá a dificuldade de não entender o que se passa verdadeiramente. Mas como a imaginação é livre e a verdade é desconhecida, ousou descrever os disabores da senhora Webster, que nem ao menos sei como veio até mim para se pronunciar uma vez que os registros indicam ser ela dos vales do Oeste da Alemanha e dos tempos de 1820.

Como, nos últimos tempos, só faço pensar em velhos, ela me veio visitar, velha... muito velha. E entregue. Como costuma acontecer aos impotentes. Saudou-me, desolada, sem ao menos se preocupar em causar uma boa impressão. É, aliás, o que mais se faz: causar uma boa impressão, mesmo estando nas últimas. Foi ela mesma que me falou ter conhecido uma cuidadosa mulher que, mesmo quando já estava morrendo, alinhava os lençóis, preocupada com a ordem. E, para fazer a distinção entre ela e a que falecera, afirmava:

— Comigo é diferente! Estou no fim da minha vontade! Não ergo mais um dedo para melhorar as coisas!

Dizendo assim, fazia notar que existia nela um certo ânimo, que mais parecia, no entanto, uma revolta, oculta naquela desolada mansidão. Quis saber o que estava acontecendo, e ela descreveu com circunstâncias a substancial desolação:

— Se nem aos trinta tinha vez, o que há de sobrar agora que estou com setenta? Queria ser, mas não podia ter esperança, pois estava assentada no mando do meu pai, que escolheu meu companheiro. Nada disso me serviu. Cumpri o desígnio de mulher: tive quantos filhos pude; dei-lhes meus seios sem descanso. Expressei a um pastor o meu desespero e ele afirmou que era o demônio que me possuía e que me faltava oração.

Pensei que a consolava, quando lhe disse que, agora, velha, estava mais livre.

— Pra fazer o quê? — perguntou.

E continuou:

— Vejo minhas filhas repetindo quem eu fui. Ainda bem que não deixei que o pai lhes escolhesse os homens. Os fortes desejos completam-se na própria vontade; se assim não for, existe náusea. Foi isso que mais senti durante a vida.

Logo a seguir, começou a tecer uma fala sobre a dor de ficar velha.

— Isso não devia acontecer. Sou estranha e, a cada dia que passa, me olham como se aqui já não fosse meu lugar. E isso se agrava na ordem dos dias. Onde quer que eu esteja, me sinto desafortunada: meus filhos não precisam de mim; me afastaram do canto da igreja no dia do santo, dizendo que minha voz já não tem a firmeza desejada. A única coisa que tenho é um pedaço de terra: é ainda a minha salvação. Posso me esconder, um pouco valorizada, atrás desse argumento. Ah! Se não fosse a terrinha! É o que eu tenho para brandir em minha defesa. Olham-me todos, espantados e irritados por eu não me desfazer dela. É o meio que me garante um aval para conversar, é o meu poder. Ando de um filho para outro, e a forma de estar é constrangida: não há um lugar definitivo. Agora que vendi um pedacinho de terra para erguer o meu rancho, me dizem que fui exagerada; que preferiam ter-me com eles. Não sei a quem atribuir a culpa. Olho para mim e me vejo mais entristecida, da minha boca, saem palavras amargas. Por não ter sido agradável possuir o que nunca escolhi, meço a vida dos outros pela minha dor. Já aos cinqüenta, me apavora ver alguém envelhecer: o corpo se inclina, fecha-se o ouvido, encurta-se a vista. E dos outros diminuem os convites.

Bem mais de um mês havia se passado. Veio-me à lembrança a senhora Webster na hora em que, nas folhas, percebi o outono. Ele é um pouco triste, mas possui a elegância que as outras estações não têm. E foi a desolação das folhas caídas que me trouxe a recordação dela.

Fui à sua casa e encontrei todas as coisas alinhadas e limpas. Quando ia chegando, mostrou-se alegre, embora reclamasse da demora em visitá-la. Suscitei nela uma conversa agradável ao provocá-la a falar sobre as modificações tão profundas que se apresentavam em seu corpo:

— Fazia toda vida que ninguém estava em meus sentimentos. Você me deu sua atenção.

O rio Mozela continuava a jorrar a água logo ali, e as montanhas tinham a mesma disposição. Não era o que acontecia com a mulher: o silêncio comportava um conteúdo.

Outras velhas começaram a chegar. Conheci ao menos duas delas. Expressaram também os motivos de suas aflições. Vi que choravam ao pronunciar seu próprio nome. Uma delas refletia:

— É isso que esquecemos.

As montanhas eram altas e as estradas eram péssimas. As cabras montanhesas tinham dificuldades de passar por elas, quanto mais as velhas senhoras. Mas isso não era motivo para ficarem paradas.

A senhora Webster começou a embelezar o jardim e, na Páscoa, pintou a casinha. Por andar nas montanhas, de um lado para outro, visitando a gente de sua idade, começou a sentir mais vigor nas pernas e sua pele melhorou.

O pastor e o vigário reuniram-se em assembléia, cada qual com seus assessores, inquirindo a causa, o porquê das constantes idas e vindas das mulheres. Não eram comuns esses encontros clandestinos. A senhora Webster, a frau Holz e mais a frau Lieblein foram convidadas a dar explicações. Vieram até mim para auxiliá-las na tarefa. O que vi e ouvi é digno de anotação. Fiquei quieto como convém a um convidado. O pastor foi conciso em seus temores:

— São motivo de preocupação essas andanças incomuns. Não sei onde tudo isso vai dar. É fora de razão essas velhas andarem de cima para baixo. Que se atenham ao costume de estarem com os familiares.

A essas observações respondeu a senhora Webster, dizendo que o Espírito Santo sopra onde quer. A frau Lieblein, que ria de graça depois que descobrira os ares das montanhas, concordou com a amiga e completou:

— Não há motivos para preocupação no fato de algumas velhas prestarem atenção umas nas outras. Nós não estamos praticando nenhuma bruxaria, apenas temos em comum o fato de não termos mais o que fazer. Estamos prestes a descobrir algumas tarefas com as quais podemos dispor melhor o tempo.

O vigário e um de seus assessores fizeram ver que elas estavam fracas de saúde e que o outono era péssimo tempo para saírem de casa.

A velha Lieblein, rindo, respondeu:

— Se fosse assim, não poderíamos sair na primavera e, muito menos, no inverno. Ao contrário, estamos de bom humor e de corpo vigoroso.

Fiquei, durante o tempo todo da assembléia, em silêncio, ouvindo os argumentos de ambas as partes. Quando vi que a força das mulheres estava enfraquecendo, arrisquei em favor delas a minha opinião:

— Senhor vigário e senhor pastor!

Falei com uma inflexão bastante respeitosa. Pensei comigo que as pessoas nem sempre estão preocupadas com a verdade e a justiça, mas muito mais consigo mesmas. Se eu falasse assim, poderiam deixar mais facilmente as senhoras andarem em paz pelas montanhas. Continuei:

— Tenho acompanhado a movimentação das mulheres e também opino que o ar das montanhas lhes faz muito bem. Não há motivo de preocupação no sentido que venham a estragar a fé e os antigos costumes: elas apenas querem prestar a sua colaboração antes de morrer. O que pode assustar é que elas não vão partir tão cedo, com o que não se está acostumado. Assim, elas ficam comendo do nosso pão por mais tempo e ocupando nossas terras por mais tempo ainda. É preciso que peçam roupas novas, e as roças não ficarão só para os mais jovens. Como compensação destes gastos, temos vozes mais alegres e menos gastos com velas, pois levarão mais tempo para morrer.

Foi aí que a senhora Webster abriu a boca de poucos dentes e riu alto. Os assessores riram constrangidos, porque o vigário e o pastor não riram.

— Ora! — continuei — o que se pode temer de mulheres que rezam enquanto caminham?

Não demorou muito e um acontecimento abalou as senhoras que envelheciam: uma delas, conforme se podia esperar, faleceu. Os assessores espalharam que era castigo, por não ficarem em casa. De fato, algumas delas entenderam que deveriam seguir a tradição e assinar as escrituras de suas posses para seus descendentes. E até concordaram que, dali em diante, o silêncio seria a virtude dos mais velhos.

Mas não foi o que senhora Webster entendeu.

Morreu dez anos depois.

Caminhando durante o inverno.

O VELHO DE TENOCHTITLAN

Parece que, naqueles dias de invernada de 1400, puseram no inferno o velho Flor-de-Todas-as-Casas. Assim se chamava um senhor asteca que tinha na vida mais interesse que nos costumes.

E é pelo nome que se começa. Nem nascido era, quando seu pai viu, do lago, as flores de todas as casas de seu quarteirão. Sua mãe, apenas nascido, ao vê-lo tão exuberante, denominou-o Flor-de-Todas-as-Casas. Sem perder tempo, ela pediu ao obscuro deus do entardecer e da brisa que olhasse pela criança que estava chegando. De fato, o menino, aos poucos, foi conformando o seu ser ao das flores dos quintais: ainda jovem, era apreciado por suas qualidades. A suavidade e a elegância perfaziam, com a inteligência brilhante, uma bela figura humana. Tornou-se um dos guardadores das fortunas reais e, quando vinham os mercadores, era ele quem indicava o valor dos objetos. Havia nele, em tudo, o sublime. Suas poesias haviam vencido vários festivais. Nas escolas da nobreza, eram recitados os seus poemas...

*“O pequeno ser que sou
É como a flor de tênue aparência:
É breve. Abre-se, pois, repentinamente,
E as cores desaparecem. Eu choro
No ombro do pai das tardes
Que recolhe a vida, sem dizer o seu destino.
Isso não concede consolação”.*

Como a flor de seu verso preferido, também foi breve o seu tempo. Já havia dito em outro poema:

*“Nem bem saudei o dia,
Eis que chega a silenciosa noite”.*

Falava que “a pressa anda de preferência no rosto das criaturas”.

Foi ficando velho e com medo. Os sacrifícios dos jovens que alimentavam a força dos deuses não diminuíram seu temor. Flor-de-Todas-as-Casas chorava por sentir que a terra poderia desabar. Quando ficou bem velho e a umidade dos lagos fazia doer seus joelhos, começou o tempo das recordações: relatava aos netos a grandeza de seus feitos; às vezes, a imaginação distorcia os fatos, tornando-os maiores do que haviam sido. Sua mãe, que não era mais que uma pequena sombra, afiançava aos bisnetos que os acontecimentos narrados haviam sido grandes. Dizia ele: “A música não cabe toda numa flauta”. E completava: “Os meus feitos são somente meus e eles se vestem com minhas vestes. Os feitos de minha mãe são dela e eu nem posso duvidar quando ela diz que a deusinha-mãe da chuva conversa com ela e promete levá-la para a terra dos vales verdes”.

Ao falecer um dos seus filhos, ofereceu-se para ser sacrificado e acompanhar as primeiras horas da viagem escura de seu menino, que também envelhecia. A nora agradeceu, dizendo que, por ser tão velho e de joelho feridos, o seu filho não teria o apoio exigido pela velocidade dos deuses. Abaixou, muito triste, a cabeça e conformou-se, desolado com a observação. Chorou lamentando que na terra asteca os velhos nem aos deuses se prestavam. Ainda saiu-lhe da dor este pensamento: “Se tivesse um segundo de poder divino não deixaria os pais fecharem os olhos de seus filhos”.

Foi ao templo e justificou ao sacerdote, dias antes da oferenda de cinco jovens:

— Poupe um deles, pois tremem meus pés e minhas mãos. Meu coração é suave e pode agradar ao deus. Esse é jovem e resiste em partir.

Também o sacerdote agradeceu a oferenda.

Flor-de-Todas-Casas voltou para o seu jardim e deitou-se no catre. Entre lágrimas, gemia.

Teve um sentimento dentro de si, avaliado como uma mensagem, segundo a qual o seu pequeno amigo, deus da tarde, queria conversar com ele. Levantou-se disposto, porque ao menos uma eterna criatura havia-se compadecido de sua velhice, e este seu deus particular não haveria de falhar. Bebeu da bebida forte permitida aos velhos. Sentou-se sobre a pedra maior do quintal a dois metros da água, e foi ditando poemas ao seu deus. Este, sim, não negava resposta, nem tapava

os ouvidos a suas palavras. Por estar tão animado, seu corpo também despertou: teve desejos novamente e foi ter com a sua mulher. Mas, avaliou primeiro que devia conquistar a sua alma, não poupando esforço: limpou o jardim de todas as pragas; repintou a casa; novos remos foram comprados; trouxe para casa chocolate e gelo da montanha. Não poupou em lindos objetos. Esperou por três noites e recitou comovido os seus versos. Ao concluir com “o que sinto não sei se é deus que fala em mim”, achou que havia convencido a sua amada. Insinuou ainda: “Mal se agüenta quieto o peixe na água”. Entretanto, havia se equivocado: a sua mulher estava crente de que ele não podia fazer mais nada de interessante. Aí é que a fé de Flor-de-Todas-as-Casas se abalou ao perceber que os olhos dos outros é que dão consistência à vida humana. O que lhe sobrava era apenas o seu deus do entardecer. Este, sim, lhe respondia, não negava o seu sopro.

Depois de sua mulher haver-lhe dito: “Pode dizer o verso mais bonito que o tempo do galho forte já passou”, sentou-se sobre a pedra maior do jardim. Orou para o seu pequeno deus das sombras. Acariciou a pedra ao depositá-la no barco.

Não mais encontraram Flor-de-Todas-as-Casas. O lago profundo e seu deus do entardecer avaliaram melhor o quanto ele tinha ainda para oferecer.

JANEIRO DE 1994

*Vão-se as datas e as letras eruditas
na pedra e na alma, sob etéreos ventos
em lúcidas venturas e desditas*

.....
*Que soube cada santo em cada igreja?
A memória é também pálida e morta
Sobre a qual nosso amor saudoso adeja.*

Januária. Era o nome da velha que terminava de ler o início do *Romanceiro da Inconfidência*. O cenário era de onde Cecília tirava inspiração para fazer o elogio de Tiradentes. Januária não estava disposta a concordar com a poeta, que dizia ser a memória pálida e morta. Não era o que Januária percebia dentro de si. Obscuras eram-lhe as lembranças até bem pouco. Mas, nos últimos tempos, não estavam mais confusas as imagens que, em revoada, retornavam. “Santo Deus!”, exclamava reverente. “O que tem de me visitar minha mãe tão certa! É a voz e a imagem sem tirar nem pôr!” E mais: os sentimentos infindos de uma realidade tomavam conta de Januária. Tanto que uma das filhas surpreendeu-a dando um beijo no ar. A palavra da filha não foi nada lisonjeira ao ver a mãe conversando com os seus fantasmas, ela, porém, segurou os maus pensamentos da guria:

— Estava, sim, vendo o meu mundo vivo. E o que faz você, quando olha expressivamente para o horizonte? Com quem conversa?

— Com meus sonhos, mãe, meus sonhos.

— Pois vê, então, menina, que a minha gente está viva. O que foi, é novamente. E ainda mais encanta as horas de hoje. Ah! se encanta! Em tudo se põe a voz da alegria. É o meu passado que vem dar sua bênção.

Pôs Januária a mão sobre o ventre e dizia sobre as horas de gravidez em que a tivera. Tão enamorada estava a velha da mão e do ventre a ponto de a filha apreciar tão terno momento e pedir:

— Mãe, fala mais!

Vendo Januária, dia seguinte, sua filha cantar enquanto fazia o pão, não segurou a seguinte observação:

— Vês, então, filha minha, o quanto faz bem uma lembrança. Estás aí com este pão abençoado e me comove o gesto amável.

Trouxe mais a filha a seu peito, enquanto falava.

— Este amor tem quarenta anos e nenhum minuto dele se pode perder.

Passados alguns meses... Chovia há dias, de dar uma tristeza. A filha, encorujada com a esticada chuva de vinte dias, se lastimava. A mãe, vendo-lhes as horas tão lentas e tão pouco agradáveis, tomou para si as palavras de Cecília:

*“Se vós não fósseis os pusilânimes
recordaríeis os grandes sonhos
que fizestes por estes campos,
longos e claros como reinos;
contaríeis vossas conversas
nos lentos caminhos floreados,
por onde os cavalos, felizes
com o ar límpido e a lúcida água,
sacudiam as crinas livres
e dilatavam a narina,
solvendo a úmida madrugada”.*

E foi longe, até o fim, repetindo Cecília na fala aos pusilânimes... Por fim, tomando a filha no colo, como se fosse ainda criança, aos olhos dos três netos, falou:

— Não se perde um segundo, mesmo úmido deste jeito. Não se pode escolher as horas nem os acontecimentos. Todos eles, ao menos, merecem ser bem-vividos.

A filha quis contestá-la, dizendo que as nuvens, fazia mais de três semanas, estavam roubando o sol.

— E daí? - vigorosamente, cortou-lhe a lamúria.

— Tem gente que não vive mais que vinte anos, mesmo tendo cem anos: uns porque estão se preparando para viver e não vivem; outros porque entendem que viveram e não vivem; mais outros, quase todos, que negam o viver por escolherem o que querem viver, e a vida tem sua direção, que nem sempre é escolhida. É assim como tu, agora, minha filha. Nada te contenta, porque chove; outros porque é noite; outros, porque é calor, e outros, porque faz frio. Querem que a vida seja obediente. Eu, por mim, tomei a decisão de sempre estar do lado dela, mesmo que esta pareça não estar do meu. Mais sábia é ela do que eu.

Passaram-se anos. Foram tantos que, para uma simples mulher, havia laivos de eternidade. E havia tanta ruga que, se fosse desdobrada a pele, podia-se ter dois rostos de Januária. De fato, alguém da família, quando se celebravam os seus cem anos, fez este comentário. Januária, meio surda, mas não cega, viu, pela boca do bisneto, o desairoso comentário, e fez questão de demonstrar que havia visto o que fora falado:

— Te vi falando, e é verdade. Mil rostos tem uma velha como eu, nenhum deles posso perder. Falta corpo para tanta alma.

Ria um riso mais terno. Ninguém podia negar sua alegria. A gu-rizada se perguntava: do que tinha uma velha de se rir?

— É que estou tão perto de Deus!

Não mais que quinze dias haviam se passado, e viram todos que ela se ia.

— E vou.

Encontraram-na, no outro dia, dobrada sobre a janela. Nas mãos, tinha um bilhete: “Não careço mais de rosto algum! Em tudo se basta minha alma! Não faço doação dos meus órgãos. Gastei todos até o fim”.

Riam-se todos. Ria-se quem tinha graça e um pingo de fé.

A filha chamou o padre, que veio com o médico. Os dois, ao retirarem o corpo dobrado, perceberam que estava viva.

A velha, depositada na cama, acordou. Perguntou:

— Quem me trouxe de volta?

Por um ano inteiro, Januária ficou dizendo pequenas palavras. Foi na manhã de uma segunda-feira que acordou, falando sem parar. Ergueu seu corpo como se não tivesse enfraquecido, falou de sua pátria. Ao entardecer, encolheu-se e chamou a filha. Continuou sua fala:

— Sou uma criança. Alguém queria me tomar nas mãos!

DAS TRÊS VELHAS

As três eram de Uruçuí e, de sua geração, só haviam sobrado elas. Podia-se olhar para todos os lados à procura de alguém que compusesse o tempo com elas, que ninguém aparecia: no caminho dos peregrinos, só restavam as três: uma surda, outra cega e outra completamente sem dentes. Um despropósito.

A surdez era corrigível, a cegueira era operável e os dentes todos sabiam, podiam ser substituídos. Mas não! Estavam conformadas, porque julgavam que assim deveria ser. E quem olharia, preocupado, para a boca, para os ouvidos e os olhos das três velhas?

Mas não ficou por isso. Juarez, um homem enobrecido por sua santidade, viu que faltavam os dentes, o som e a imagem das três senhoras:

— Por que não lhes dão o que lhes falta?

A resposta era evasiva, como se Juarez fosse uma pessoa inconveniente, pois tocava num assunto do qual se pedia distância. Para tristeza e surda irritação dos familiares das três, Juarez insistiu em ver de perto o que estava acontecendo. Dizia ele que um coração razoável não pode se privar da bondade. Foi em frente. Encontrou três respostas diferentes e resumidas.

Na casa da velha desdentada, foi-lhe afirmado que, em função da brevidade do tempo de vida que lhe restava, não valeria uma despesa daquela proporção. Ao perguntar quem lhes havia avaliado o tempo que ainda creditavam à senhora Leocádia, não houve resposta. Juarez dirigiu seu olhar aos olhos dela, que estavam imperturbáveis, como se a família tivesse procedido com justeza a respeito de seus dentes.

Quando foi até à casa da Sabina Cibele Faria, ouviu, como explicação, um discurso infame, mas cheio de convicções.

— Não adianta escamotear a verdade do tempo. Dessa forma, sobra-lhe, no seu mundo silencioso, mais tempo ao espírito. Um aparelho para o ouvido pode ser considerado uma invasão à sua privacidade.

Juarez se manteve sereno na presença do cínico filho, mas, pensou: “Seu grandessíssimo filho de uma mãe, que se tornou surda para não ter que ouvi-lo mais!”

Ao dirigir-se à casa de Virgínia, outras palavras, não boas de ouvir: “Oh, sim, o senhor tem razão, seu Juarez, toda razão. Uma operação das córneas se faz necessária”. Palavras aveludadas, mas que representavam uma desculpa, nunca uma decisão. Saiu cuspidando da casa da pobre senhora cega.

Juarez, um homem reto, abateu-se. Ainda, como seu coração havia optado por desconsiderar toda a maldade e escolher toda a bondade, foi com o vigário, que lhe afiançou:

— Pode contar comigo. Estou do seu lado e vamos fazer a campanha dos dentes, do aparelho e das córneas. Assim põe-se o que foi retirado, aperfeiçoa-se o que está imperfeito e devolve-se a luz.

Foi aberta a campanha, e as famílias sentiram uma surda revolta. Reuniu-se a gente de Leocádia, de Sabina e de Virgínia. Panfletaram contra Juarez. Vociferaram: “Os abaixo-signatários dão conta do que deve ser feito aos seus velhos e dispensam a colaboração de quem quer que seja. Aceitam, como mais um sacrifício, a invasão a que são submetidas as suas famílias”.

E o que Juarez não esperava aconteceu. Nunca imaginara que houvesse tanto seres envelhecidos: alguns ocultos e outros ocultados, cada qual com suas mazelas sem desejo de reparo. Ao tocar no assunto dos direitos de todos seres humanos de ver, ouvir e morder, Juarez tocou em questões muito sérias. As famílias que podiam providenciaram a melhoria de vida dos seus velhos. Muitas zangadas, porque expor os seus significava sapato e roupa nova. E uma vez feitos os reparos nas pernas, na voz, nos olhos, enfim, nos órgãos de locomoção e comunicação, as despesas não acabavam mais. Uma vez que se expunham, começavam a se reunir e, por conta das reuniões, mais outros gastos eram feitos.

“A vida, pois, não se exclui”, sentenciou aquela que havia sido surda. “E como é bela!”, falou a que havia sido cega. “E como é bom ter de volta o que havia se perdido!”, disse aquela que fazia questão de pronunciar as palavras sem ter vergonha de mostrar a boca.

Naqueles dias de tal movimentação, abriu Juarez a Bíblia para tomar alento e viu o quanto deveria estar atento, pois quando se expulsa um demônio, outros sete tendem a voltar. Em compensação, aprendera que os anjos também não andam sozinhos.

DA MORTE DAS ABANDONADAS

Para entender os fatos, é bom que se saiba da autora. A mãe apontava, nas primeiras mamadas, para os seus olhos: “Veja o jeito dela olhar. Veja o jeito dela mamar”. Era inegável a volúpia das mamadas e seu olhar perscrutador.

Na escola, não passava dia sem algum incidente. Na adolescência, os pais de Silvana envelheceram de tanto cuidado e boas palavras para deixá-la no uso da razão. Se não fosse a fortaleza com que se apresentava a família - pai - mãe - tios - avós - primos-e-todos-os-demais-íntimos-sócios, a pequena adolescente teria implodido. Acalmou-se um pouco aos vinte, ainda que uma incômoda animação sempre estivesse com ela.

Casou-se com um homem cordato! Todos diziam que se tornaria a mulher mais dominadora da região Norte do estado do Rio Grande do Sul. Faria do rechonchudo senhor, um torresmo. Todavia, curiosamente, tornou-se mansa e humilde de coração e, a exemplo da mulher da bíblia, cuidou dos filhos no inverno e no verão, dando-lhes frutos, vestes, sementes, pão e carnes, conforme o costume. A mãe, numa das visitas para ver os netos, até se saiu com uma tirada:

— Onde está a filha que conheci?!

E ouviu:

— Por certo, escondida em algum lugar deste mundo!

Casados os filhos e falecido o marido, retornou a Silvana irrequieta, perturbadora e indisciplinada. A mãe que ainda vivia, ao visitá-la, quando do casamento da neta mais nova, mirou-a nos olhos e sentenciou:

— Que se apronte a cidade! Silvana voltou!

Demorou bem mais que o esperado a se manifestar o feitio de outrora. Até foi a um psicólogo para avaliar o que sucedia. Uma resposta bem feita valeu um pouco de calma para Silvana:

— Vai ver que te dá esta nervosia porquanto tens tudo por fazer e não sabes ao certo o que acontecerá.

Outras palavras foram pronunciadas pelo Dr. Armando, mas a mais frisada era identidade. Cansada de tanto ouvi-la, sem compreender com clareza o significado dela, pronunciou para si mesma:

— É descobrir o jeito de a gente ser. É ter a cara própria. Mas o que acontece se, aos sessenta, não se tem um rosto próprio? Respondeu a si mesma:

— Se arranja com o coração!

Assim foi suscitando acontecimentos pelos quais foi descobrindo sua nova fisionomia. Aí estava muito da adolescente que fora. Até no diário - para não se perder - registrava ideias, sentimentos e fatos. Eram os fatos que delineavam, na sua opinião, o corpo e a alma

“17/8/94 - Levantei cedo, sentindo amargor na boca. Bem o que me deu aos dezessete quando não sabia o que ia ser de mim.

20/8/94 - Ora, se sei. Tem um tumulto pela frente. Foi o que notei quando um sopro bateu em meu rosto. Foi quando vi umas dez, todas da minha idade, zunindo como abelhas tontas. Foi o que pensei: falta um jardim, é isso que falta.

21/8/94 - Meu Deus! Como é que não vi antes!? Essa raiva sem razão era isso?! Estou como um navio sem lugar para atracar, é uma certeza essa de não se ter mais o apreço de ninguém. Quero hoje ter meus pássaros e minhas gaiolas. Minha luta e meu descanso. Assim será.”

Veio o filho mais velho, falando em comprimido para acalmar. Veio o vigário para explicar que envelhecer, conforme o Antigo Testamento, significava apenas uma brisa, não uma tempestade. A esta conversa do vigário, Silvana contestou:

— Exijo o Novo!

Veio até um amigo político - o filho da comadre Eliodora. Quis confortá-la ao fazê-la ver o quanto já tinha feito: sossegasse o ânimo, sopitasse o espírito! Ouviu o homem o que não queria ouvir, o insuspeitado:

— O que querem mesmo da política? Uma instituição há muito sem uma boa forma e, de tal maneira desgastada, que nem se avalia mais ao certo a sua substância e do governo fizeram uma sujeira só.

Acabem, pois, com o governo! Outra forma de dirigir a lei e as necessidades: é isso que se pede! É velho demais o costume do poder! Pelo amor de um só cidadão, joguem fora o que já apodreceu!

Os familiares postergaram uma investida mais forte, esperando Silvana parar com sua intranqüilidade. Andou espalhando que o Santo Deus andava sendo percebido de uma maneira avessa aos divinos méritos. Falava aos quatro ventos:

— Olha que, do jeito que estão percebendo o inatingível, o que sabe tudo, o que ama, temo que façam do Senhor um chinelo velho. Ao inefável, estão pondo os contornos das pequenas paixões. Em tudo Dele fazem uma diminuta ilusão.

Ao estocar o vigário, dizendo que ele e sua teologia não davam nem para fazer dinheiro e, muito menos, para a salvação, fez com que os familiares viessem para cima dela.

Mostrou, da melhor forma, que sabia do equívoco que estavam cometendo:

— Nunca estive tão bem e de cabeça tão boa! O meu amor por vocês tem profundidade. Tenho sede da verdade e em tudo eu reúno a graça. Mas, não posso conviver com a futilidade. É verdade que não comungo das interações sociais que infringem o melhor. Sinto uma poesia e vejo mais que via. Vou me banhar nas águas do rio, ver se acalmo meu espírito e faço com que obedeça a vontade do meu Deus.

Com algumas tralhas e amigas, foi até um rio.

— Queremos algumas madrugadas no campo!

Começaram o empreendimento de espiritualidade e lazer com uma oração que a Amélia começou assim:

*“De onde vem a força do esplendor,
De onde vêm a paixão e a fé,
De onde vêm a ideia e a vontade?
É aí que depositamos por estes dias nossa alma”.*

Passaram entre o rio e o campo mais de cinco dias: peregrinação, banhos de rio, contemplação, estudos de descortínio e encorajamento, orações da noite e da manhã.

Se antes desses dias já havia sustos, o que aconteceu depois é digno de anotação. Não mais paravam as vinte mulheres da purificação. Disseram ter visto a luz da montanha que se elevava no horizonte do campo. O que mais queriam dizer era sobre a luz e os propósitos emergentes no coração e no pensamento. Silvana apostou em todas; mas em Maura e Odorica, de um modo especial, ficaram gravadas as lições do campo. Juravam todas estarem possuídas por um ofício principal, mas não andariam como lesmas ou como água morna. Tinham mais o que fazer!

Criaram uma casa dita “Gestão Participativa das mais Velhas”, cujo objetivo era fazer ver que todo o tempo é tempo igual de brincar, de descansar e de trabalhar. Concentravam, na velhice, atenção, e cada um dos alunos com mais de sessenta era um laboratório educacional.

Todos repetiam um aprendizado perigoso para quem só pratica velhas lições. Ficaram, então, alçadas as lições de abril, para que todos pudessem aprender. Eram divididas nos itens delineados, em ordem:

“Aqueles que terão coragem de ver, mesmo no impedimento social.

Aqueles que, nas casas, terão a tarefa de amar, de fazer poesia, de fazer a história e de prestar direta colaboração.

Aqueles que, ao ar livre e na mobilidade do corpo, terão respeito pela vida.

Aqueles que perderam a paciência com os limites das instituições.

Das diferentes formas de amar o corpo e a alma”

Houve temor em todas as famílias, cujos velhos já não se assentavam languidamente em suas cadeiras.

O imprevisível, o inopinado, o misterioso, o imponderável, no entanto, têm seu lugar e sua marca registrada: “A perversidade amanhece com a bondade”, falou um dia Alice. No ser humano, o paradoxo é lei.

Por razões de manter a verdade tida por todos como de Deus, houve quem as maldissesse, afirmando que as mais velhas estavam fazendo um amor extravagante. Na verdade, o que provocou mais irritação foram as propostas das mais velhas em atender suas necessidades de amar.

Conversas infames foram ditas sobre o carinho que faziam e sobre as relações que mantinham com velhos que chegavam na “Gestão Participativa das Mais Velhas”.

Então, a vilania se fez, e quem saberá da autoria de tão grande crime? Na verdade, já se delineava o pecado fazia tempo, porém, apenas alguns converteram em fato aquilo que era por todos desejado.

Quando, ao amanhecer da Páscoa, foram vistas as chamas na casa das velhas senhoras, a mente queria negar o que os olhos viam. No pequeno jornal, podia-se ler: “Aqueles que se salvaram das chamas foram convencidas a terem, na tradição, a guarda de suas vidas. As famílias enlutadas, com tristeza, lembram as mulheres mortas”.

Um “a pedido”, ao pé da página, apontava para outros sentimentos: “Não se perde por esperar, pois é imponderável a reação dos abandonados”. Assinado: outras peregrinas.

O COTIDIANO DE ISABEL

Os moradores da vila não percebiam a paciente tristeza nos olhos dela. Nem ela sabia ao certo quando tudo havia começado. Uma dor penetrava-lhe no peito quando começava a quaresma. A aflição terminava em setembro, mas ela entendia que assim devia ser. Nos meses seguintes, aliviava-se um pouco, mas não o suficiente para afastar a insossa hora.

Resolveu não se contentar com a tibieza da vontade: um desamor que em tudo se fazia. Parecia em tudo haver essa repetição dos feitos na qual não havia mais que a surdez da alma. Era isso mesmo: tudo era feito como se os seus movimentos acontecessem sem seu consentimento. Não mais que a queda das folhas sem a permissão da árvore. E aprendeu, assim, a conviver como se fosse uma estranha na própria casa. Mais grave percebeu que estava a situação quando, numa queda, quebrou a perna. A dor mais aguda era avaliada como se não fosse com ela.

Aí sim, foi fácil notar que as reservas de ânimo haviam-se esgotado. Ou, quem sabe, ela já partira, esquecendo de desfalecer? Tudo isso nitidamente avaliado às vésperas do Natal. Nem mesmo o Menino metia mais saudade dos dias de infância. Mas as lições de solidariedade não foram esquecidas, ao contrário, estava aguçada a percepção daquilo que os outros esperavam dela. E seu corpo repetia com exatidão os gestos esperados: se dela fosse solicitado um sorriso, ele se operava automaticamente. Por isso, ninguém desconfiava de que sua vida estivesse tão sem presença, vigor e conforto.

Apenas quando lhe sobreveio uma doença grave é que um médico do interior foi convincente ao fazer o diagnóstico:

— A isso se dá o nome de depressão aguda. Ela deve encontrar um objeto que valha um verdadeiro amor.

Viu o quanto estava só. Mesmo com remédios, com os estimulantes de um psiquiatra, nada ficou resolvido. Foi ao Centro Espírita para afastar qualquer encosto inoportuno, entretanto nada foi observado

que a estivesse perturbando gravemente. Disseram-lhe que, com ela, andava boa proteção. O pai-velho-negro apontou as árvores e os frutos, as estrelas e as águas e repetiu por três vezes:

— É daí que vem a salvação.

Saiu da casa dos espíritos com a resposta enigmática, mas ao menos havia alguém que lhe mostrara uma possível saída.

Foi ter com o piedoso pároco, jovem e santo homem que meditava longamente e que via uma vida que só a ele se revelava. Foi muito íntimo com ela o vigário, padre Elli Di Domênico:

— Ó sim, *figlia mia*. Está certo *questo signore!* *Dio gha bisogno de tutte l'stele, fiori i d'altre tante cose.*¹

Entre uma palavra italiana e outra, expôs uma visão muito estabelecida, muito oportuna: a ver se “*Dio*” fizesse novamente “*su miracro*”. Isabel ficou muito admirada por estar diante desta novidade. O verdadeiro Deus conversa nas manhãs de segunda-feira e pelos fatos corriqueiros. Mesmo o orvalho é a luz de Deus: a alma de todas as coisas divaga com infinita misericórdia. E o padre Di Domênico falava que “*le cose, tute le cose gha su anima*”.

O padre foi adiante nas explicações e externou estas ideias:

— Havia um povo primitivo que sabia dos acontecimentos quatro a dez minutos antes de eles se sucederem, e isso é posto no livro de Borges. Desenvolveram este dom e os homens apreciavam antecipadamente a visita que chegava ou o esfuziante som de uma cigarra. Não perdiam, portanto, nem o que iria acontecer. Tinham uma alma pronta para todas as almas e todas as coisas, mesmo a ponto de mutilarem o corpo, tornando seus dirigentes cegos e, dessa forma, mais aptos a adquirir uma incomum sabedoria.

Pe. Di Domênico, deixando de discorrer sobre o povo lahoos, falou do cristianismo, dizendo que a ressurreição, nesta vida, é poesia. É a linguagem de Deus. “Basta ouvir, ver e conversar, seja com os objetos, seja com os acontecimentos. É ali que Deus mantém sua infinita boca. É um alento ter, na alma das folhas, o ouvido atento”. Perguntou a Isabel como choram os riachos e como cantam as pedras; sobre as palavras das sementes na mesa; se acaso praticava, no farelo do pão, um diálogo com o trigo, ou não tinha Isabel sentido a vida no pó da estrada? Explicou-

¹ Deus tem necessidade de todas as estrelas, flores, e de todas outras coisas.

-lhe o italiano sobre a arte de ser peregrino, que significava andar pelos campos onde os minutos têm cores e cheiros. Sentenciou:

— *Lhi altri i ze la nostr'anima*².

Isabel protestou sobre o que pároco dizia, mas como resposta ouviu um duro discurso.

— Os teus gritos não deixam entrar nem a voz de uma estrela! Estás pondo o mar numa concha! Te darei uma lição.

O primeiro exercício ministrado foi ouvir os grilos; o segundo foi o de admirar as estrelas por um tempo indeterminado. Assim, seguidamente, foi tendo contato com o orvalho, a sombra, o musgo, a cor azul, a semente de erva-mate, um pardal. Não julgou Isabel que fosse muito louvável ter que se deitar sobre a grama, invocando o nome de Jesus. Outros exercícios referiam-se a ter de saudar todos os falecidos, apresentando-os a Deus que, imaginariamente, devia estar sentado sobre um banquinho. Quando chegaram oss exercícios dos filhos e da vizinhança é que as coisas se complicaram. Mas com paciência o cura conseguiu afastar os antigos impedimentos, suavizando o entendimento que a velha senhora possuía sobre os seus.

E praticando tudo isso, e mais aquilo que, obrigatoriamente, por circunstâncias de viver, tinha que operar, aconteceu nela uma transformação. Tendo os olhos, os ouvidos, o nariz e todos os órgãos e a mente postos no turbilhão do universo, foi despertada. Seu neto tocou-lhe a alma repentinamente ao dizer, numa trivialidade:

— Não se pode esconder a bola quando os outros querem jogar.

Sucedeu que a alma da senhora fora tomada de encanto e, nos seus olhos, havia umidade. Secos já fazia tempo, agora estavam molhados. Ninguém sabia definir o acontecimento, mas, em cada gesto feito, perpassava a presença de Isabel.

Foi na manhã de uma segunda-feira, dos primeiros frios fortes de junho, que aquela mulher novamente, debaixo do avental, um prurido ensandecido e abrasador. Orou, considerando que o Senhor Deus não tem hora para mostrar-se ou para despertar o que parece desfalecido. Pôs o feijão na panela e o seu brilho iluminava a manhã cheia de bruma. Sentiu saudade de sua mãe, mas parecia-lhe estar em comunhão. Riu, porque lembrou o vigário Di Domênico: “Nada do que existe é apa-

² Nossa alma são os outros.

rência ou ilusão. Acaso alguém pode negar a lua inteira na minguante? Quando um velho toma uma laranja nas mãos e sorri, qual é mesmo a laranja que está em suas mãos? Será esta ou nela todas aquelas que já lhe mitigaram a sede?”

Pois foi exatamente uma lembrança que fez com que, ao meio-dia, visse o perfil de seu pai expresso no rosto do neto Eurico.

Ninguém mais viu Isabel gravemente prejudicada.

A FOGOSA DIOVANA DANIEL

Justamente, todos julgavam: “O pito da velha senhora, enfim, sossegou”. Quando assim falavam, consagrando uma verdade, é que ocorreu o que se pretende narrar. Vale, neste informe a mim trazido como extravagante, um início que fale sobre o olhar dos outros que exige o que não se consubstancia no peito das pessoas: é o caso de Diovana.

Quando todos diziam que seus gemidos eram de dor, ela inventou o contrário. Mais tarde, soube-se que, naquilo que se operava em Diovana, não havia novidade. E ela, como entendia que na vida não se pode desperdiçar nada, deixou de acreditar na crença de seus filhos. Todos queriam tê-la como uma empenhada mulher, dedicada aos cuidados da unidade familiar e bênção da família construída. Resolveu, porém, dar vazão às legítimas pretensões e não à invenção de outros tempos.

Aprendera de sua mãe que a vida e todos os seus empreendimentos se arrefecem logo após a menopausa. A mulher perde o apetite e, cada vez mais, conta o passado: “É nesse tempo que se fica contando o sucesso, acrescentando-lhe, naturalmente, por conta da vaidade, alguns contornos e reformando outros. Ainda bem que o passado é submisso, concedendo-se um pouco de brilho onde havia obscuridade. Tudo na vida se arranja de tal forma que cada um pode exibir um quadro confortante. Se assim não fora, quem é que retomaria o que não se pode repetir?” Assim dizia sua mãe.

Com Diovana, esse seria o caminho. Bem que já se distanciava dos apelos do presente e declinava da honra e das medidas. Quem seria aquele que, de olhar desvanecido, olharia agora seu corpo? De fato, já havia muito tempo que não recebia uma flor, nem ao menos uma palavra encantadora para se iludir com a ostentação.

Mas a natureza nem sempre está de acordo com o que se faz. Esse foi o caso de Diovana Daniel. No sexagésimo oitavo ano de sua vida, sentiu o que lhe valeria uma luta e a contestação da maioria dos seus. Os filhos queriam vê-la como uma imperturbável proteção.

Foi aconselhar-se consigo mesma para equilibrar sua vontade de viver com os mandos de seus filhos. Percebeu na meditação uma ausência de propósitos. O horizonte estava vazio. No meio de todos, estava mais que solitária. O seu corpo e sua alma clamavam por correspondência mas sentia que em tudo poderia ser dispensada. Em lugar algum era imprescindível. Mesmo o seu nome estava sendo pronunciado cada vez menos. Das instituições, onde até vinte e cinco anos atrás fora peça necessária, passara para a vizinhança; aos poucos, dessa, passara para a família e, mesmo ali, reduziram-se os laços e os afetos. Foi esse o julgamento que a levou a pensar:

— Definitivamente, estou sobrando. E quem de nós ama o que é posto de lado?! Eu sou a mulher desnecessária.

Ao amanhecer dos 69 anos, afirmou a uma das filhas:

— Vou exibir minha intimidade para alguém. Entendo ser o melhor de mim: meus sentimentos e minhas ideias. Aperfeiçoei, na escrita e na leitura, o meu entendimento e não tenho quem possa admirá-lo com certa exclusividade. Nem aos clamores do meu corpo posso dar atenção.

Foi Diovana ter com uma amiga e ambas foram a uma escola para os mais velhos, tentando imprimir uma nova direção aos afetos, ao pensamento e, particularmente, à intimidade do corpo. Tendo o propósito firme de encontrar, encontraram.

Ao entrar na casa de Aléthea, sorriu pela inspiração que lhe veio: “Me alegro pelo dia que está chegando e pela luz que dará condição de ver. É a cor dos objetos que me dará o caminho acertado. É o mais simples som que vem em meu socorro. És tu, Aléteia, que acolherás minha palavra e me ensinarás a encontrar alguém que me esteja faltando. O passado foi bom e o trabalho das lembranças me alegra, mas não ao ponto de me dar substância física. Não sou daquelas que dá à alma o único valor. Quero um pouco de prazer para meu corpo envelhecido”.

Aléthea foi paciente e instruiu-a sobre como afastar-se da solidão: “A história e os sonhos fazem entender a alma. O passado revela uma alma ilimitada na proporção de vizinharmos com os gênios, com os pequenos santos e com os vagabundos”.

Diovana intrigou-se com tais observações e afirmou:

— O que dizes, amiga, não é o suficiente. Dizem que setenta

anos significa perder o apetite da carne. A minha não se conforma com a opinião geral. Dizem também, - e com isso até os antigos filósofos comungavam - que, antes de morrer, os cisnes soltam um canto sublime, pois que antevêm as doçuras que Apolo lhes reserva. Imitando a lenda, dizem que os mais velhos estão prontos para Deus e manifestam dons divinos, como a bondade, a elegância e a ponderação. A palavra e o gesto soam desimpedidos da grosseria e dos medos. Precipita-se, na alma, uma ternura, como uma saudade de um deus que está por chegar. Não é isso que me toca; preciso do trivial, da água limpa e de um carinho; careço de pão e de um homem. E, com ele, não quero apenas conversas de fim de tarde e o gesto sem paixão. Quero ainda um pouco de violência. Não me basta a santidade consagrada em ideias reverentes, quero ainda um corpo ardente.

Aléthea foi, daí por diante, parcimoniosa na própria opinião. Estava convencida de que a liberdade individual é a primeira das sabedorias. Admirava-se, porém, muito do que os ouvidos ouviam. Confortava-se até de poder partilhar e também de animar-se com as coisas do corpo. Junto dela estava um belo exemplo.

Os dias foram se passando e, com eles, a notícia da vibração de Diovana. Quando todos esperavam pela pacificação dos apetites, veio ela com um homem jovem. Podia até ser seu filho - era o comentário.

Assim chegou aos 79 anos, tendo um comportamento em nada condizente com as velhas opiniões. Resultaram disso alguns comentários menos elogiosos, mas difundiu-se, na pequena cidade, uma concepção melhor sobre o que se pode esperar dos mais velhos.

Aos 92 anos, Diovana adoeceu gravemente. Então sim, arrefeceu-se-lhe o ânimo; ficou silenciosa e muito gentil. Confessou a uma das filhas:

— Agora, sim, parece haver um silêncio. Um conforto existe também em partir.

MÍDIAS

Não importam os acontecimentos, mas o que se pode dizer deles.

E ele era um inventor de expressões. Quando abria a boca, aperfeiçoava-se a alegria de seus amigos, pois sua palavra fazia ver o lado alegre das coisas. Um exemplo disso foi o dia do passeio no campo: “A palavra é a alma do homem”, ia falando Mídias. Era um dia sereno, bom de se olhar o horizonte. O vizinho admirava-se de vê-lo descrever a alma humana e o campo: “As nervuras das folhas permitem uma apreciável extensão”. “É isso mesmo” — insistia — “É isso mesmo: uma pessoa não pode ficar sem ter onde fixar seus atos. Quando buscamos decididamente é que vale viver. Uma árvore também se sustenta imperturbável com um vigoroso tronco”.

A geografia do campo ensina a simplicidade das brisas e da grama. Nos campos, passeiam os falecidos. Os guias lhes ensinam os primeiros passos da imortalidade. Em tudo, no campo, se detém a parcimônia. Os pequenos animais conformam-se à planura exposta às vistas e não reclamam da luxúria da floresta. Apreciam a chuva dos dias quentes e, nos dias frios, a palha é confortante.

Quando, certa manhã, um grupo de jovens ia ao liceu praticar ginástica e completar estudos de retórica, percebeu que o olhavam atrevidamente e lhe dirigiam palavras desagradáveis. Chamou-os para perto de si e pediu-lhes um tempo curto, para que ouvissem seu discurso:

— Vós, que estudais a palavra e tendes nela uma forma boa de pensar, usai-a para a verdade. Vi, em vós, um riso incômodo para mim. Tende em mim mais do que um corpo frágil. Num homem, e é isso que aprendeis nas vossas lições de política, não se vê o principal. Mesmo a lua, quando está em parte no céu, sabemos que apenas se oculta. Em mim está uma realidade que não vedes. A que se expõe é frágil como o vôo de um pequeno pássaro. O movimento já não tem a convicção e a fortaleza de quando eu era jovem. Mas alegrai-vos, por saberdes que tem mais caminhos um homem que aqueles que se possa imaginar e ver.

A alma é a mais complexa do que o corpo e nela se pode fomentar um apreciável caminho. Não se ria ninguém daquilo que eu sou na aparência; ela pode esconder a melhor parte.

Os jovens retiraram-se para a academia e, naquela manhã em Atenas, brilhava o sol, resplandecendo-se as espáduas. Quando um deles, Anaxímines, foi convidado a falar, demonstrando bom uso da palavra, externou sinceramente sua opinião sobre a vida humana e concluiu, pela melhor parte, com estas palavras:

— Ser jovem é um caminho para a velhice, quando então deve ser manifestada a perfeição da alma. Em nada existe mais lucro que em poder usufruir, sabiamente, de todas as coisas. Se, na juventude, temos tanto vigor e exultação a ponto de nos permitirmos deixar de lado a maioria das coisas, concentrando-nos na espécie de vida que o corpo nos pode demonstrar, na velhice, pois, em tudo se põe admiração. É sob o prisma da alma imortal e de sua larga experiências que as ideias fluem sobre as coisas, como a luz. Zeus se anuncia definitivamente quando chegamos à velhice.

Agapito, jovem esperto, levantou-se, foi à frente e falou sobre o valor da juventude. Naquele dia, porém, as palavras que mais convenceram foram as de Anaxímines. Até Euclides, o mestre, pouco afeito a elogios, disse:

— Estou muito satisfeito.

Quando os jovens retornaram por outro caminho, encontraram Mídias, que levava uma oferenda a Esculápio. Teléforo, o mais afoito do grupo, avaliou com prudência os seus sentimentos quando falou:

— Mídias, foste tão convincente ao falar dos velhos a ponto de eu desejar a minha própria velhice. Dizei-me: esse Deus a quem ides sacrificar o galo não é uma fantasia sem existência?

Mídias, que segurava o galo cinza embaixo de braço, respondeu:

— Ninguém, mesmo sob inspiração, pode avaliar as formas perfeitas do mistério divino. Esse Deus a quem vou sacrificar esta ave conserva-me a saúde. Mesmo não sabendo a melhor imagem que posso fazer dessa divindade que mantém saudável o corpo, devo-lhe gratidão. Entenderam vossos pais que este animalzinho que canta fosse uma digna oferenda de gratidão. Mesmo que Aristóteles diga haver um só Deus, perfeito, coordenador de todas as coisas, puro e perfeito, do qual tudo

provém, ainda com esta verdade devo dobrar minha cabeça a essa força que dá sustento à vida e a torna admirável. Ou, por acaso, a sorte poderá encontrar, sem a direção divina, a sabedoria, a forma exata de manter as leis favoráveis à vida? Prefiro dobrar-me à divina conveniência e ao seu poder. Não posso negar ao rei o bom governo. Ou, acaso, qualquer coisa se orienta bem, sem a inteligência de alguém que a governa? Prefiro amar uma divindade que governa a acreditar que o absurdo possa estabelecer a ordem. Amo mesmo a imortalidade do meu íntimo. E tudo isso que verga tão poeticamente em mim ao anoitecer também será obra do absurdo: É tudo isso uma fantasia sem existência? O sacrifício do meu galinho cinza é uma homenagem.

Teeteto, quase um velho, humildemente vestido, saudou a Mídias. Teléforo, vendo aquele que acabara de chegar, pronunciou-se:

— Meu pai é este, senhor Mídias. Moureja o dia todo sobre a madeira a ver se tira a vida do ofício de carpinteiro. Terá ele a mesma sorte de ser abençoado pelos deuses?

Teeteto mesmo tomou a palavra e respondeu com simplicidade:

— Não tenho aperfeiçoado a alma no pensamento. Minhas mãos apenas entendem das madeiras e garanto que meu movimento é acertado. Sinto um extraordinário prazer ao dar forma às árvores que secam. Se isso é apazível aos deuses não posso julgar, mas a parte que me toca, quando ponho em ordem a madeira, é boa. Assim, não posso entender que os deuses tenham outra linguagem para se comunicar com os homens: esta, de ouvi-los pela madeira, é que eu entendo muito bem.

Todos se retiraram, e algumas lições ficaram reforçadas posteriormente, nas conversas que os jovens passaram a ter com Mídias em sua casa. Teléforo, num dos seus exercícios em busca da perfeição da retórica, resumiu da seguinte maneira:

— Mídias nos agradeceu com seus ensinamentos. Sua palavra é excelente e demonstra agradavelmente todas as coisas. De modo especial, introduziu-nos na arte da poesia e falou a ponto de nos convencer da função vital da arte poética. Assim se externava com freqüência: ‘O encantamento de todas as coisas, quer na família, no procedimento com os outros ou no contato com os objetos animados ou inanimados, é tão importante quanto o próprio saber. É verdade que a aplicação da mente para desvendar a ordem de todas as coisas é uma tarefa nobilíssima, mas, sozinha, vê-se reduzida a uma carência total de espírito. A ternura

com que o universo se manifesta àqueles que o tomam, com estudo e admiração, é verdadeiramente um bem que não pode ser afastado. Por isso, as academias, quer das ciências políticas, das naturais ou da retórica, não podem renunciar a ver a pesquisa com amabilidade. O universo reclama tanto o conhecimento como a caridade. Se alguma desta virtudes faltar, o homem não pode estar bem. Em primeiro lugar, é necessário o espírito poético, isto é, convém penetrar no mundo do conhecimento com uma reverente perplexidade diante de tudo. Só assim, o homem pode ser feliz. Os deuses estarão contentes por terem companheiros dedicados. Assim eu quero ser’.

Teléforo pronunciou-se bem mais longamente sobre Mídias no entanto, para não expor ninguém ao cansaço, guardou para si a maioria das palavras. Uma frase sobre ele, porém, não pode ser esquecida:

— Quando se chega ao envelhecimento, o universo tende a se tornar mais amável e os deuses estão melhor servidos. Mais uma vez, ficou comprovando em que a palavra é o instrumento da perfeição e todos os seus discípulos tiveram a impressão de que ele alcançara a felicidade.

A BENZEDEIRA DE PASSO FUNDO

Causa um grande pesar a qualquer um observar o quanto, no ocidente, a maioria da população é afastada de certos bens sociais e mesmo da fortuna, a mais essencial. Mas aqueles a quem é retirado o bem social ou a fortuna, algumas vezes, conseguem buscar vantagens, mesmo que lhes tolham o que seria direito de todos.

Mesmos os ditos sábios tiveram participação na forma de fazer injustiça. Isso pode ser depreendido de um texto de Platão: “Em todo o caso não há perigo de que esses assalariados e interessados, que vemos oferecerem seus serviços a qualquer um que se apresente, possuam jamais uma participação na função real”.

Dessa maneira, o filósofo retirava da política o homem pobre. Nesse exemplo de segregação, não é observado uma compensação mais efetiva para o prejuízo humano imposto. Os pobres são vistos se fantasiarem de pessoas poderosas, imitando reis e rainhas. Nada, entretanto, que possa comprometer o servil costume de não governar.

Em Aristóteles, pode-se ler como à mulher foram dadas tarefas sociais restritas às coisas do lar. O filósofo de Estagira afirma até que a mais bela virtude feminina é o silêncio. Apesar dessa situação, a mulher construiu formas agradáveis e mais condizentes com a dignidade humana. As mulheres, reduzidas ao governo da casa, concretizaram benefícios para si mesmas. Em vez de disputarem o poder dado ao homem, ocuparam-se mais do amor e da beleza. Dessas tarefas, elas têm lucro, de modo especial, no envelhecimento. Isso pode ser observado quando, no advento da velhice, o homem é retirado do convívio social e muito pouco lhe sobra do prestígio concedido pelo poder. Os filhos retiram o poder dos pais em casa, e os mais jovens afastam os homens velhos da sociedade. O que é visto, então, é muito deprimente: definitivamente, a maioria não sabe mais o que fazer da vida, acelerando-se a morte. A mulher, por causa dos costumes do amor familiar e das artes caseiras, encontra-se em posição diferente: tem prestígio na família e na sociedade; pode reunir-se com as amigas, pois não ameaça nenhum adulto.

Assim vai conduzindo o seu envelhecimento.

Isso é dito para conduzir a narrativa da benzedeira de Passo Fundo. Esta mulher, mais ou menos velha, é conhecida no meio das populações carentes. Parece haver razão em se pensar que os mais pobres buscam nesta alternativa medicinal o que a ciência médica não lhes dá, por falta de recurso. Disso eu quero dar o meu testemunho.

Em janeiro de 1994, estava fazendo minha caminhada e, casualmente, conheci uma benzedeira. E vi, por aquilo que abaixo escrevo, o quando pode fazer bem a forma de benzer para quantos não têm acesso à ciência médica. Foi bem acertada a observação de um dos clientes da benzedeira: “Ou me benzo ou morro!” Depois o vi na casa da velha senhora. Dias depois, encontrei-o no caminho que eu fazia. Muito mais por curiosidade que por motivação da generosidade, perguntei-lhe sobre o acontecido e sobre o que lhe acontecera, se antes estava tão mal e agora tão bem. A narrativa é extraordinária e foi fixada nos moldes apresentados, segundo a expressão de quem havia se benzido:

“Careço de uma palavra mais erudita para dizer todo o acontecido. Não sei mais se é verdade, mentira ou loucura. Preciso eu mesmo me esclarecer. Minha palavrinha é modesta: é menos que um capim de outono. É pálida a minha ideia perto daquilo que se sucedeu. Sei lá se Deus invadiu a chichola do meu peito, sei lá se é assim mesmo que acontece no envelhecer. Não sou mais o mesmo. Olho para o mato e denomino, palavra por palavra, o nome das árvores. Olho para trás e soletro as datas dos acontecimentos. Olho para as montanhas e rios e vou anunciando suas respectivas vidas e transformação. Vejo, então, que existe mais loucura no meu pensar. A minha ideia é um retrato fiel. Mas o que me aconteceu com a senhora benzedeira, eu devo confessar, não se conforma às regras vigentes. Traduzo, para mim, que é uma loucura passageira. Ou será um sopro de Deus mal entendido? Quando quero esquecer, ressurge como uma luz, o fato. Foi assim:

— Vem — ela falou.

Entreí nos aposentos limpos. Pôs a mão na minha cabeça e orou:

— *Deus que nem te spera, nimi afflinge*³.

Fiquei quieto, quietinho, ouvindo.

³ Corruptela da oração: Deus qui néminem, in te sperántem, nímiu affligi permittis. ‘Ó Deus que não permitas seja demasiadamente afligido aquele que em vós espera.

— Te vejo tão triste. Uma alma penada ambulante. Sozinho. Os filhos deram no pé. Um efeito mau te assombrou depois que o INSS te mandou descansar. Tanta vida se peja, sozinha. Não se livra a tua alma da inquietação. É um fardo grande a solidão de não ter a comunhão de um trabalho e das paixões pequenas que podem existir numa flor, no pó ou nas pedras. Em tudo pode estar Deus. Por não teres, na vida da grama e do riozinho, uma razão de fervor, chamas a morte por companheira. Tão triste está tua alma que chora. Uma conversa, uma conversa e uns chás, é isso que eu vou te dar.

— As conversas, companheiro, que mandou fazer deveriam ser dirigidas ou feitas com quem tivesse vida ou não. Bem me lembro que soletrou: “pode falar com uma folha morta ou com a rolinha, com a macela florida ou o pardal. Há de se conversar. Nossa alma, nestas conversas, está na casa do Senhor.

— Investiguei o que me foi proposto e vi que é verdade: Deus reside tanto no capim que se move, como na lei que ergue as plantas e dá contorno à folha tenra. E, quando se ouve um companheiro e sua alma, aí então, Deus fala, e a solidão se esvai, e até o sangue alimenta um rosto triste, e a luz retorna ao olho apagado.

Quando os chás, receitou aqueles que fossem colhidos de manhã, com um pouco de orvalho. Não sei se foi o barro da tigela nas mãos, ou a manhã, ou o chá que me fortaleceu. Aprendi, por demais, a sentir no pão o sorriso de minha mãe e de meu avô.. E uma mensagem silenciosa se prendeu no vô de qualquer borboleta. Por tais coisas receitadas, é que estou restabelecido minha saúde. Hoje me sinto outro: é como se um anjo da guarda me estendesse todas as coisas.

Semanas e meses se passaram, continuaram as caminhadas e já se apagava a impressão da conversa. Novamente, encontrei o homem da benzedeira. E propalei dentro de mim, ainda quando o via à distância: “Este é um exemplo preciso de que há na limitada liberdade uma possível e extraordinária virtude. Não tendo uma expedita medicina, foi encontrar alguém que lhe devolvesse a saúde em circunstâncias favoráveis”. Comparava-o a Garrincha que, num canto do gramado, tendo implacáveis adversários, saía-se alegremente de onde nenhum outro sairia.

Veio-me aquele velho senhor revelar maiores detalhes de sua milagrosa cura, narrando-a da seguinte maneira: “Não te contei de outros fatos, além das conversas que devia manter com as coisas e sobre os chás. Dos vários encontros que tive na casa limpa da benzedeira, um

deles não posso deixar de relatar.

Fez-me deitar pondo suas mãos nas minhas têmporas. Acordei e estava só na sala limpa. Tive uma sensação de abandono e avalei o quanto os meus atos diários estavam sem os laços de ternura. Na maioria das minhas decisões e ações, estava preocupado consigo mesmo. Vi o quanto a solidão era consequência de minhas excessivas preocupações com aquilo que me pertencia. Chorei feito uma criança por ter perdido o meu ser em mim mesmo. Isso não foi nem uma, nem duas vezes. Era um procedimento diário. Agora busco a solidariedade de tudo e os outros me governam”.

Continuo a fazer minhas caminhadas, esperando encontrar mais uma pessoa que possa me apresentar a história de uma velha benzedeira e provar mais categoricamente que mesmo o envelhecimento, cheio de suas naturais dificuldades, pode oferecer o que oculta aos menos avisados.

Parece, na verdade, existir uma medicina da alma, que se realiza pela graça, de modo particular naqueles que não têm onde descansar a cabeça.

UMA HISTÓRIA DO VELHO PREGUIÇOSO

É observado por muitos que os homens, quando perdem o poder, reclinam-se sobre si mesmos e morrem. Já a mulher, ao ser instigada a diminuir os laços do poder, procede diferentemente: ergue a cabeça e pratica, particularmente ou com as amigas, uma agradável arte. O homem se sai mal: perde o mando do roçado e dos bois e fica a esmo. Para aliviar a extrema angústia, é comum entregar-se à morte, em diferentes maneiras.

Analisando essas coisas, João Hipólito Fernandes mudou de opinião a respeito de seus hábitos e, consciente disso tudo, bem antes de seu envelhecimento, procurou defender-se. Vendo como os mais velhos se davam mal, buscou evitar que tais coisas nele se sucedessem. Vivia repetindo:

— A velhice já possui em si mesma um certo sofrimento: o corpo fica frágil e isso pode ser visto nas mãos que tremem e nas vistas que não retratam com fidelidade o contorno e as cores. Fica por mim estabelecido que quero saber um pouco mais da vida que apenas mandar. Vou fazer de mim uma arte.

De todas, a mais preferida por ele foi a música. E duas vezes por semana saía de seu estafante trabalho e ia ter com um mestre que o ajudava a retirar os melhores sons de uma flauta. Os amigos do trabalho estranharam muito que preferisse perder dinheiro de duas tardes para se dedicar a um objeto do qual não provinha nenhum lucro. Os dois filhos começavam a crescer, e os gastos ficaram maiores. A esposa, que era professora e ganhava pouco, começou a chamá-lo de preguiçoso por renunciar ao dinheiro de duas tardes. O sogro, que estava do lado da filha, também julgava um absurdo o que o genro estava fazendo: “É um abuso contra os filhos ficar aí com a flauta, de cima para baixo, em vez de ficar no seu trabalho.”

João Hipólito, avançando no desejo de dominar as artes, exter-

nou-se da seguinte maneira:

— Quem gosta de música deve gostar de poesia. Vou comprar algumas obras poéticas.

Aí sim, sentiu-se um rato metido em guampa: tudo à sua frente se fechava.

— Só falta essa agora! Gastar o dinheiro com poesia.

A mulher, fazia tempo, estava odiando ter que dar aulas: a secretária de Educação estava, sistematicamente, espezinhando a classe do magistério. Afirmou que não aceitaria que até em casa fizessem dela o que bem entendessem. Quando João Hipólito chegou com os primeiros volumes de poesia, fez greve de sexo e de palavras.

Ele não tinha mais nada de sua mulher. Deixou a música e a poesia. E confessou:

— Não quiseram ter de mim um homem suave. Agora terão um trabalhador exemplar. Ficaré quieta a flauta, e a poesia se cobrirá de poeira.

Foi trabalhar. Pior de tudo: começou a tirar ótimos resultados financeiros de seu ardoroso empreendimento. Com o dinheiro, vieram os amigos fáceis, aqueles que comungam apenas das coisas agradáveis. As festas têm bebida e esta acabou por afastá-lo da fidelidade para com os seus filhos e a mulher.

Estes, enquanto podiam ter roupa nova e exibir-se diante de amigos, estavam pouco ligando para o sentido da fidelidade. Um dia, João Hipólito até pensou em voltar para a poesia e para a flauta, mas viu que estas coisas já eram incompatíveis com sua vida cheia de rumores e agitação. Os vinte próximos anos rapidamente o envelheceram. Seu médico falava que a ingesta de álcool era excessiva. Aos pouco deixou que seus filhos tomassem conta de seus negócios e, já envelhecido e envilecido, ficou sobrando como as velhas máquinas de escrever.

Os amigos e festas haviam desaparecido. Sua mulher, ao contrário dele, estava muito bem conservada. Os filhos, ao tomarem conta dos negócios, se saíram muito bem, imprimindo uma lógica que não fazia parte do entendimento de João Hipólito. Diziam com orgulho que se havia imprimido uma nova racionalidade.

Ao ver tudo isso, começou uma retirada ingloria. João Hipólito tornou-se silencioso. Mas, uma luz ainda espreitava o fundo da alma.

E numa manhã de abril, topou com os pinhões caídos. Uma serenidade se instalou, com uma decisão: “Hei de ver minhas coisas e criar juízo melhor sobre mim. Retornar é preciso.”

Foi confessar-se com o vigário, dizendo seu maior pecado: ter perdido a graça. Por penitência, sugeriu ao padre que lhe desse a imposição de repartir a metade dos lucros que adviessem do seu trabalho futuro. Ergueu a cabeça: foi a uma academia do corpo; impôs-se uma dieta. Em tudo, houve uma reação positiva. Retornou à empresa ao mesmo tempo em que foi à Universidade ver se arranjava umas explicações mais rápidas sobre informática, *marketing* e outros processos que apressavam os registros e as vendas.

Os filhos e a mulher, que o tinham mais para ser velado que para qualquer outra coisa, foram ter com ele, pedindo-lhe que se aquietasse. Com um só gesto, mas categórico, disse-lhes que ainda zelaria por sua empresa. A mulher foi impiedosa, e o resultado disso tudo foi parar num competente advogado. Por fim, chegaram a um consenso: João Hipólito teria seu próprio empreendimento. E do resto que havia em tudo ele teria participação. Fez questão de não abrir mão de nada, para que pudesse imprimir sua opinião sobre os bens. Notabilizou-se o homem pelas invenções no campo social, pois elaborou um plano de apoio através de aposentadoria gradativa e de soldo complementar.

Aos poucos, a lição foi entendida. Não era generosidade de quem já não tem mais o que fazer. Os filhos aprenderam que se pode ir além da costumeira produção e que, em matéria de relações sociais, pode-se inventar qualidades insuspeitas. Mas, sobremaneira, foi decidido que nenhum trabalhador viveria a vida sem arte. Até serventes nos corredores falavam do pão fresco e das chuvas, das crianças e das músicas, sem a mediocridade das rotinas.

Passaram-se exatamente vinte e dois anos nesses exercícios, de uma nova prática de trabalho, da participação e das artes, numa empresa que antes era apenas lugar de suor e cansaço.

A empresa não tomou vulto acelerado, mas um bom ânimo despontava cada vez mais. Duas pequenas escolas foram abertas junto ao empreendimento principal: uma de poesia e outra de música. Ali os primeiros aposentados tiveram uma aprimorada oportunidade. No dia em que João Hipólito faleceu, alguém escreveu:

*O vento se alegra numa flauta de bambu.
Sou da opinião de que a alma humana
Soou bem nas formas de João se apresentar.*

A mulher de João Hipólito veio vê-lo ao saber que tinha partido. Também ela sentia-se enfraquecida, mas aprendera uma lição com seu ex-marido: avaliara errado o tempo de mandá-lo embora, reconhecia que é sempre tempo para ser. Entregou aos filhos a flauta, que foi guardada como símbolo da empresa.

O TECELÃO

Era 14 de março de 1635. Todos os lugares da Europa entendiam, com dificuldade, a alegria e a liberdade. Aos poucos, porém, era conquistada a ideia de que a sabedoria de Deus somente é operada com eficácia, tendo por colaboração a sabedoria dos homens. Era comum repetir-se haver chegado o tempo da invenção de uma infinidade de artificios para afastar o sofrimento. Assim se poderia gozar os frutos da terra e todas as comodidades. Descartes cada vez mais era ouvido e tinha consciência muito aguçada sobre a importância social da instrução humana para tornar os homens mais sábios e mais hábeis. As canções tornaram-se mais alegres e, por onde quer que se olhasse, havia boas novas desde as ciências geográficas às médicas. Mesmo a psicologia dignou-se a olhar o ser humano como um produto natural e, como tal, movido por leis naturais, como explicações naturais. O condicionamento e o recôndito pensamento começaram a mostrar a face. Mesmo as paixões da alma foram dignas de consideração. E o que parecia impossível de ser considerado mereceu atenção. É o próprio Descartes quem perscruta os meios pelos quais “poderíamos nos isentar de uma infinidade de doenças tanto do corpo quanto do espírito e, talvez, até da debilitação da velhice”.

O fomento da esperança trouxe a fértil fantasia. E, de fato, era um tempo para sonhar. Só pensar que seria possível controlar as epidemias, o escorbuto e as chagas fazia os discípulos avançarem sem escrúpulos. Embora a Santa Inquisição andasse de olho vivo e severo, poucos a temiam a ponto de abandonarem a pesquisa. A sabedoria que, na opinião de São Paulo era perfeita em Deus, dava lugar também à imperfeita, mas concreta sabedoria humana.

Foi suscitada pelo tempo a exaltação de alguns, mas poucos tiveram a coragem quase bravia de Teodor Lawinski da Polônia. A sua alma imortal não se afastava do amor e da inspiração. Ele mesmo afirmava que, entre os sinos e os pássaros, estava uma alegria muito profunda. No que se referia à inteligência e à memória, também tomava alento ao

buscar aí a confiança para lidar com as coisas sociais e da natureza. No que se referia a Deus, expunha cada vez mais algumas ideias que não se conformavam ao senso eclesiástico. Ao contrário: a cada ano que passava, descobria que seu espírito traduzia uma visão mais assiduamente distante dos dogmas comungados por seu cura. Foi este que veio até a casa de Teodor, alertando-o:

— O senhor põe em dúvida a tradição eclesiástica e dissemina ideias absurdas sobre Deus e suas criaturas. Devo-lhe confessar que está sendo muito desagradável ouvir de outros vigários, e até do bispo, admoestações sobre um fiel que está pondo em risco a salvação das almas imortais.

Teodor afirmou que todo seu esforço era justamente no sentido de salvar sua alma. O que via e ouvia da boca dos representantes de Deus eram afirmações sem graça; o próprio mistério divino estava amarrado em algumas fórmulas repetitivas:

— Deus, com certeza, não está bem servido com essas repetições, das quais nem os padres estão muito convencidos, a olhar pela maneira com que as pronunciam.

Não se passaram seis meses. Todavia, foi tempo suficiente para Teodor completar setenta anos, quando veio até sua casa uma comissão de teólogos de Varsóvia para ouvi-lo e tirar conclusões das observações que fariam.

Soleníssimo foi esse momento. Para impressionar o velho Lawinski, havia velas e uma Bíblia sobre a qual devia renunciar a Satanás e suas artimanhas, expressando apenas o que representasse sua verdadeira opinião e vontade. Resumidas as respostas de um longo questionário, com voz trêmula e eretamente posicionado, falou:

— Nem as velas, nem o livro me fazem mais ou menos verdadeiro. Estou convencido de que o Senhor Deus me possui. Quando eu me transporto para o interior das coisas criadas, eu, criatura, me sinto animado pelo ser das coisas, e é então que Deus se põe a falar. Uma alma universal conversa comigo e tenho ao Senhor, infinito ser, e tão próximo que faz enternecer a minha alma. É aí que cada instante, na mínima coisa, tem sua paixão. Com a força do meu espírito compreendo as leis que dirigem todos os fenômenos e vejo que a natureza exprime a bondade de Deus. Mesmo desta força que provém dos astros e das coisas, às vezes, flutuo inconstante, ora trabalhador insolente, pequeno

e humilde, ora florzinha do campo, ora um carvalho. Renuncio, todos os dias, ao Deus onipotente e ausente e volto para casa com o Deus das palavras de todos nós e busco entender por que caminhos se conduzem a saúde e as doenças. Deus precisa de meu entendimento. Das pombas e das leis certas, fortes e invisíveis, faço a voz do meu Senhor. Difícil é aceitar uma virgem dando à luz ao Menino, se meu coração prefere a versão de uma simples mulher dando à luz a Deus, nas condições humanas, sem nada preterir.

Os representantes do tribunal eclesiástico entreolharam-se e, juntos, decidiram que o velho deveria morrer. Deixarem-no falar apenas para sentirem o prazer das opiniões novas, sem terem delas a culpa.

Continuou Lawinski:

— Não receio a morte. Estou com os santos: tão encantado com a vida e penetrado dela que a morte apenas desvendará mais um compartimento do mistério. Essas coisas tenho aprendido na solidão alegre do meu envelhecimento. Prezo viver do pouco, que é suficiente para recolher muito. Não temo os limites impressos por nossos dogmas, porque vejo além das regras humanas que afastam a graça. Apressai o vosso julgamento, pois já não temo vossa intenção. Prefiro a minha inspiração, que Deus me concede. Nada se pode desprezar. Nem ao menos uma vaporosa nuvem. Em tudo, Deus se compraz de estar. Nada mais demoníaco que a altiva figura daquele que quer apagar a criação da mente humana. Agora podeis me matar, mas me deixam em paz.

Era o entardecer e confabulavam os príncipes dos dogmas. A sentença foi imediata e indicava morte urgente para Teodor Lawinski da Polônia, que se constituía num perigo para as almas imortais. O pequeno tribunal civil da vila sentiu-se constrangido por ter de matar um velho que convivia todos os dias com a bondade e era apenas um competente tecelão e encontrou uma justificativa convincente, o tipo de coisa fácil de se achar, quando alguém não se sente inclinado a fazer o que é solicitado. O bispo veio pedir ao pequeno tribunal que, em nome da Igreja, fizesse rapidamente o que fora determinado. O pequeno tribunal pediu que o bispo fosse ter com o pobre velho condenado. Após a conversa, o bispo sentiu-se mal e cheio de dúvidas. Afirmou para o seu confessor:

— Parece que estou confuso!

Assim passaram-se mais de dois meses. A indecisão do bispo agravou-se, quando soube de como ficara o papa após a condenação

de Giordano Bruno. Foi novamente ter com o confessor para ver se passava adiante a questão. Esse foi severo, dizendo que, se assim fosse feito, seria o mesmo que o condenar. E como o bispo ainda manifestava dúvidas, o confessor lhe respondeu:

— O tribunal daqui conhece o rosto do homem e os seus membros vêm-no caminhando entre as árvores todos os dias. Todos já escutaram os mesmos pássaros e rezaram as mesmas orações. Por isso, não tem coragem de executá-lo. Um tribunal de Varsóvia sentiria menos constrangimento em queimá-lo.

Mais uma noite se passou, e não era fácil avaliar sobre quem sofria mais: se o bispo ou se Teodor. Pela manhã, o velho foi chamado a ver se seria facilitada uma decisão por parte do bispo.

Tão sereno estava Lawinski que causou admiração ao bispo. E houve um curto diálogo que, de fato, afastou a indecisão:

— Já recebeste os sacramentos?

— Em tudo eu tenho um sinal sagrado e, de modo particular, na morte.

— Em nada te culpas ou de alguma coisa tens remorso mais intenso?

— Não. Estou em paz. Apenas me incomoda essa demora por não saber se me deixam vivo ou se me querem morto...apenas isso me perturba. E para deixá-lo à vontade, gostaria de dizer-lhe, senhor bispo, que se sinta com liberdade sobre o que deve ser feito.

— Se todo esse tumulto de ideias que pronuncias são pecados ou se um novo tempo se precipita, é isso que me confunde e, se estou aqui a discutir com um condenado, é sinal irrevogável de não se terem as certezas dos antigos bispos. Vai para casa. Silencia o mais que podes sobre o que dissemos e vê se diminui as imprudentes palavras. Elas podem matar.

— É tão difícil silenciar minha verdade, principalmente agora aos setenta anos.

Teodor Lawinski voltou a tecer e a escrever.

Seu livro sobre Deus, suas criaturas e sobre a competência humana em compreender causou a maior perplexidade. Mas os teólogos da época, ao retornarem, já não conseguiram apanhá-lo vivo.

AS INVENÇÕES DE PE. ALÍPIO OU DE UM CURA DE ALDEIA INCONFORMADO COM AS INSTITUIÇÕES

Esta é uma história baseada em observações, mas foi elaborada sem nenhuma intenção de representar a realidade, muito embora esta apresente situações perto das quais a fantasia torna-se pálida. A intenção deste filho de Deus que escreve não é ferir as poucas convicções dos crentes, mas apenas demonstrar que tudo o que se sabe que existe em relação às instituições poderia ser diferente, não fosse a resistência dos que levam vantagem, a preguiça e o medo daqueles que solicitam as mudanças.

A história de pe. Alípio é uma tentativa de demonstrar que é preciso recriar alguma coisa no pequeno universo humano, levando em conta que as instituições devem estar a serviço do homem. Muita delas, porém, mais causam sofrimentos que alegria, esta virtude que anda escassa.

A trivialidade nunca fora sócia de Alípio. Praticava pequenas atividades, mas punha nelas um certo ardor. Já lidava com os bois, quando ainda mal tinha forças para erguer o arado. O pequeno lavrador até se comprazia em pisar a terra revolvida. Orava aos domingos e se alegrava em tomar um lápis e escrever. Não sabia ao certo de que forma, ou quando se sentira atraído mais seguramente pelas coisas do Senhor. Mais tarde, perguntar-se-ia como podia um menino abandonar a casa para ir ao seminário. Por mais que lhe explicassem que esta era a única opção para que pudesse sair daquela trivial vida, não lhe explicavam que doce ventura era aquela de dizer aos outros palavras de consolo e de fé certa e indubitável na história sagrada. Parte por parte, desde o momento em que o Senhor pisara sobre o nada até o momento em que o filho de José se levantara do meio das pedras onde o tinham posto morto, tudo era absolutamente verdadeiro.

O menino Alípio, que havia molhado os pés no riacho, posto os olhos em enormes árvores verdes e respirado a névoa na beira do mato,

sentia-se sensível em relação as coisas da terra e mais ainda era tomado pelas eternas verdades. O piá inflamou-se pelas almas das pessoas que eram imortais e porque, da sorte do comportamento, levado na terrena peregrinação, dependia o bem-estar infinito. Assim, num dia de fevereiro, deixou sua casa para aprender os segredos dos caminhos certos. Não medira, porém, a dor de uma saudade.

Os afáveis pequenos lugares moldam os seres humanos e tudo o que neles transita, na sua falta, torna-se um clamor. Nem o choro de três dias foi suficiente para apagar, no piá, as perdas. Passou a frequentar os sonhos de Deus, postos, é claro, nas pequenas porções humanas. Começou a treinar o espírito para descobrir em tudo um dom de Deus. As coisas naturais eram avaliadas na certeza de serem movidas pela vontade de Deus: se cantava a curruíra no choupo, era Deus que pusera aquela invisível flauta no pequeno bico; se mugia a vaca no campo nas longas noites de inverno, era Deus que falava na voz grave do animal; na negra nuvem e na funda e rumorosa trovoadas, Deus vinha ver se não havia falta nenhuma no coração do menino.

E, ano após ano, faziam-se presentes aquela saudade e a exultante alegria de retornar para casa. De fato, sufocava a paixão pela casa de seu pai, que competia com o infinito amor de Deus. Isso, porém, não comprometia a certeza dos sacramentos, das palavras absolutas de Jesus e dos santos companheiros. Custou muito a refrear os apelos da carne, mas estava decidido a repousar seu coração em Deus. Suas mãos se erguiam para o alto, mas temia, por vezes, que, se baixassem, não lhe obedecessem. Até alto dizia:

— Ó, Santíssimo Deus, deixai o brilho da vossa luz à minha frente. Colocai um freio no meu coração. Não precisais, bem o sei, da carne que logo perece: precisais do espírito. A graça celestial é delicada e deve guiar os meus passos. É o sangue do vosso filho que importa mais que os apelos mesquinhos do meu ser.

E assim passou a juventude, olhando para o alto. Reduzia, portanto, quase tudo aos sentimentos mais perfeitos advindos da contemplação. Colheu disso um coração sensível e um rosto sereno. Colheu, mais que tudo, a fé inabalável nos mistérios de Deus. Buscou, nos santos padres, conformar-se ainda mais com a opinião sagrada. Quando alguém amigo ou mais mundano queria fazê-lo ver a bondade da natureza do corpo e das pequenas alegrias, dizia preferir a sua ilusão, que era sua fantástica luz:

— Dessa maneira, não sinto saudades do infinito. O clamor das pequenas coisas não fará jamais silenciar a perfeição da minha alma.

Nos textos de Platão e Aristóteles, teve a melhor conclusão: “A morte é também o destino humano; passarei toda a minha vida, buscando obtê-la a ponto de minh’ alma estar pronta para voar”. E isso era confirmado por Platão: “E assim esta viagem que me foi prevista é acompanhada de uma feliz esperança.” Deleitava-se com o que dizia o filósofo sobre o abandono do corpo: “É necessário que a harmonia continue ainda a existir em alguma parte; embora a madeira de lira apodreça, à harmonia nada sucederá.”

A Bíblia e os filósofos eram o que tinha de melhor na instrução de sua alma. E quando a dúvida tentava instalar-se, consolava-se: “Pois quem sou eu, filho de miseráveis colonos, para não folgar mais em Cristo e nos sábios que vieram antes?”

Superou até a devastação dos filósofos sem esperança, como Sartre, com quem comeu o pó da desesperança. Mas suscitou na alma uma aurora mais alegre com Gabriel Marcel e Alceu Amoroso Lima.

Os estudos de Teologia, Alípio os fez não mais no meio de respostas. Por isso, teve importância a sua inspiração. Passou, é verdade, por tormentosas questões, mas Deus — afirmava o próprio diácono Alípio — é mais simples que um ramo de jasmim e certo como as leis que guiam as coisas, cada qual a ser o que é. E tornou-se padre, tendo instruído o pensamento não só nos volumes, mas muito mais na intimidade bondosa das coisas: “Deus não se guarda num volume. Ele é mais veloz que a pena de São Tomás de Aquino”.

Era esse deus das paixões elevadas, da doçura das amêndoas e das palavras bem pensadas que o levou a ajudar as pessoas a que pudessem ter um pouco de harmonia e morressem em paz. Então, como um anjo, percebeu a fraternidade, entendendo que, no governo dos outros, tinha ele a sua extensão e a sua identidade. Não podia resumir-se a si mesmo.

Nesta primeira parte de sua vida, não havia graves dúvidas sobre as instituições: elas existiam para ser usadas e aperfeiçoadas; jamais poderiam ser questionadas em sua natureza. As doutrinas estavam aí promulgadas e quase perfeitas. Se não eram bem entendidas, isso ocorria porque o ouvido humano é falho. Podia-se dizer que pe. Alípio era fiel à sua fé. As sombras não se punham sobre a harmonia de todas as coisas e até os dogmas eram considerados absolutos, como cajados que não deixam ninguém andar errante e cair.

Muita gente o tinha como um santo. Ao verem-no orar devotamente, não duvidavam mais de sua santidade. Num retiro obrigatório convocado pelo bispo Cláudio, um vigário vizinho perguntou-lhe sobre o motivo de tanto fervor. Respondeu:

— Ou me tenho na devoção de Deus ou me entrego aos menores apelos.

Isso fazia com que tivesse em sua alma imortal a melhor das preocupações; em tudo buscava o meio termo. Preferia a modéstia a qualquer pretensão na hierarquia eclesiástica:

— Sou um epicurista cristão. Me intranqüilizo só de pensar nos arroubos do poder. Sou um filósofo do jardim e passeio nele colhendo flores. Não estou inclinado a conquistas e às bravatas das iniciativas.

Era incansável e até veloz nas respostas e nas formas de tratar as necessidades dos outros. Entendia o cotidiano social de seus paroquianos e se esforçava para que ninguém passasse fome.

As festas eram celebradas com alegria. A Páscoa em tudo dava-lhe um ânimo profundo. Era incansável nos dias de outono e via, na Ressurreição e na celebração do fogo, um simbolismo de Heráclito. O homem, em Cristo, havia demonstrado que, dali em diante, tudo era possível. O sofrimento e a morte faziam parte do jogo do amor. O céu colorido e a serenidade das cores da árvore convidavam-no a meditar. Rezava os salmos, e sua voz erguia-se solene quando anunciava a hora em que a morte fora vencida. O precônio pascal ecoava dentro da igreja. Uma só certeza o possuía: a da incessante glória demonstrada nos lençóis dobrados ao lado das pedras. Ficava risonho por uns três meses.

Foram trinta e oito anos de sacerdócio que assim se passaram. E houve, então, o inesperado. Parecia que a mudança marcara hora com pe. Alípio. Mais tarde, todos os que o tinham como santo — porque era obediente e reverente para todas as coisas dispostas na natureza e nas instituições humanas — davam a sua explicação: o pe. Alípio sofria depressões angustiosas em função de sua constituição; outros afirmavam, como se fosse uma categoria absoluta: o pe. Alípio havia se decepcionado com a criatura humana e com todas as suas invenções. Um padre até comentou que, se fosse feito um exorcismo em tempo, poder-se-ia salvar aquele filho de Deus. Mas, pareciam razoáveis as explicações de Polidoro, um filósofo que aprendera a distinguir uma coisa da outra: “O pe. Alípio está mesmo convencido a negar as instituições na forma

como estão postas. Por juízo ponderado e não por prejuízo de seus sentimentos, está intrigado e irreverente”.

O cabido reunido alertou o bispo, que teve o desprazer de chamá-lo a uma conversa. O resumo da admoestação foi um misto de dúvida e de ameaça. A dúvida residia na possibilidade de ele estar envelhecendo e, por isso, estar sendo movido pela demência senil. A ameaça foi de suspendê-lo dos ofícios se ele permanecesse nas afirmações extravagantes. E foi encerrada a palestra episcopal com a solicitação de que ele pusesse suas convicções por escrito, o que foi feito, conforme o que abaixo é revelado:

“Paz e bem!

“Constrangido em revelar minha fé e angústias, venho expor humildemente o que segue. Se, em vossa sabedoria, repousar maior convicção, inclino-me a obedecer. Espero que o meu envelhecimento tenha me dado a graça, e tudo o que menos quero é laborar em erro. Durante quarenta e dois anos, tenho realizado os mesmos ofícios na certeza absoluta de verdades humanas e divinas. Agora tomo a liberdade de fazer o mais sagrado ofício humano, que é, com zelo, pensar corretamente, sem o vezo do dizer cego da história. Se isso me valer a perda do múnus sacerdotal, aceito-a. Não posso perder o peso do meu próprio entendimento. Na humildade de querer conformar a opinião à vontade de Deus, tenho agora o meu cuidado. A absoluta verdade pertence ao supremo ser que perpassa em mim, deixando suas pegadas, que, em Tateios, tento seguir.

“Em nome do Pai que caminha nas tempestades e colhe o trigo, em nome do Celeste Espírito, que guia os outros em seus caminhos, eu, Alípio, tenho a declarar que vejo diferentemente várias instituições que devem empreender o aperfeiçoamento das criaturas. Deus não fala diretamente: em tudo se põe sua vontade pelas palavras dos homens, pois, se assim não fosse, como explicar a morte precoce dos pobres e a longevidade dos ricos? Como explicar o suicídio do bom e a morte serena do mau? Deus governa o mundo pela fragilidade das leis. Mesmo a mãe Igreja comunga na miséria humana e não se pode subtrair seus próprios erros. Em tudo nela se manifesta a dificuldade e a estreiteza: seu governo é também feito pelo provisório discurso humano.

“Sei que aos ouvidos de Vossa Exma., chegaram as palavras dos políticos. Assustados e hipócritas, confessaram que estavam escandalizados por eu dizer palavras duras contra a instituição da justiça e da política. Confesso a respeito disso:

“É chegado o tempo de rever a forma e o conteúdo do governo dos Estados. Em tudo que olho em minha cidade, não vejo, em parte alguma, a presença do governo federal. Nem o Legislativo, nem o Executivo produzem efeitos satisfatórios. De público, tenho reiterado minha dor por ver que a legislação e a execução das tarefas para aprimoramento das instituições e das pessoas têm sido um fracasso, a ponto de fazer crer que não só as pessoas que governam falham como está falho o governo. É isso que tenho afirmado. Nominei aqueles que foram falar, apontando-os como incompetentes. Fizeram uma Constituição que peca até contra a natureza e, mesmo agora, que poderiam refazer os erros, cada um está assentado sobre suas campanhas e, quando se reúnem, fazem das tribunas um palco de exposição própria. Padece minha pátria e seu povo a olhar de onde possa vir um pouco de salvação.

“Tenho falado sobre o governo das famílias e sobre o casamento. Diante da longevidade, essas instituições deveriam ser repensadas. Se o próprio Senhor inspirou os judeus à poligamia e outra vez à monogamia, quis dizer que as instituições devem atender as pessoas. Mas jamais pensei em precipitar nada. Em tudo ajuizei uma opinião feita de ponderações. Construir com cuidado os caminhos a seguir é uma tarefa divina. O que não se pode é concordar com os fatos, tendo-se pela frente tanta infelicidade. E o que dizer desta triste lei que proíbe aos presbíteros de terem seus filhos e de amarem de coração uma mulher? Quando chegará o tempo de afastar-se a superstição na própria Igreja? O que dizer da proibição das mulheres na celebração de Deus? Quando se livrará o próprio Deus dos malefícios da história? Quem será aquele que vai anunciar a glória de Deus e o seu coração pelas mãos femininas? Assim como a Igreja pediu perdão aos negros e aos índios, pedirá perdão à mulher. Mas quando?

“Tenho me referido ao próprio Deus de forma diferente daquela que o catecismo propõe. Na intimidade e contemplação do meu Senhor, tenho experimentado ouvi-Lo e vê-Lo na mais amena chuva e no silêncio das estrelas. Na singeleza e na precariedade das próprias leis, tenho visto o meu Senhor mostrar o seu coração. E a vida na morte é mais possível que estar presente no fundo dos oceanos. Em tudo se agita a vida eterna. Durmo em paz e sem remorsos por entendê-Lo assim bondoso, mesmo eu sendo um grão de areia no consórcio do tempo e das coisas criadas.

Como procuro estabelecer um novo entendimento da vida humana, em tudo buscando prolongá-la e qualificá-la, assim busco rein-

ventar minhas convicções e vejo-as penalizadas pela rotina e afirmações passadas. Os meus sessenta anos têm sentido na medida em que tornam leves os sonhos, densos e consistentes os diálogos. Deus me guie melhor, se acaso incorro em erro.

Mais dóceis tornaram-se meus sentimentos e em tudo os tenho submissos, são como um anjo que vem chegando. Prego, como conhecedor da vida humana, a nobilitante função social dos mais velhos. Urge, em mim, a vida, Como acima expus, não considero em elevada estima as instituições, tendo-as apenas como uma fiel proteção da vida.

Eis que estou fiel, por tudo que afirmei, aos encantos de Deus. Não me subtraia, Sr. Bispo, a graça de poder servir; mas se assim for o seu entendimento e o que lhe confere o peso episcopal, devo confessar que obedecerei mais que tudo à disciplina da vida e à inspiração divina”.

Não se sentiu suficientemente convicto, o bispo, de retirar o pastor de seu pastoreio. Apenas alertou-o sobre a prudência: “Nem o Senhor foi precipitado em criar o mundo: deixou homem a oportunidade de aperfeiçoá-lo, e o homem está na frente de toda essa empresa. Deus o tenha, pe. Alípio, e inspire-o a imagem do Senhor que, pacientemente, governa a direção do universo.”

Mais quinze anos viveu com fortaleza e nunca ninguém ouviu sobre algum deslize seu no celibato: “Travei duas batalhas com meu corpo e nem ao certo sei por que fiz tudo aquilo. Não dormia com o clamor de um corpo feminino, mas deixei os apelos se desvanecerem sozinhos. Esta foi uma completa solidão... *solitudo corporis*”.

Julgou, no seu interior, ter oferecido ao Senhor um grande sacrifício e que estaria perto o dia de dividir com Ele a ternura humana que se pode ter de um homem e de uma mulher. Assim foi feito. Escreveu ao bispo, pedindo-lhe a laicização. Travou-se um longo debate, o bispo convenceu-se de que poderia conceder-lhe o sacramento da união.

Mais tarde, ao contemplar noventa e um anos — “seis anos perfeitos da vida marital” — sentiu-se mudo como Zacarias e falou pouco ao encostar, no peito, o seu filho: “Um menino nascido de alguém que possui larga experiência no Senhor”. A jovem mulher que quis tê-lo como homem, julgou-o como se julga um bravo varão, envelhecido, mas sadio e vigoroso. Ele fazia divagações poéticas nas manhãs de chuva e explicava à sua rainha como, mesmo numa fatia de pão, pode-se ter a reverência de um faminto e, numa réstia de sol, o resumo de Deus.

Assim, afastou-se dos ofícios sacerdotais para dedicar-se um pouco aos triviais ofícios humanos. Ao ser questionado pelo bispo sobre a real situação de sua alma, respondeu:

— Tenho me esforçado na busca da perfeição, mas, na velhice, tive manso o corpo amoroso e minha alma completou-se, pois em tudo me tornei um homem.

CIDO WOLF

Neste caso não é veleidade querer imitar. A imitação é um exercício de solidariedade, e esta é minha impressão: se o que se busca imitar não for contra as nossas disposições e se for bom, que a cópia seja bem feita.

Cido Wolf, até aos sessenta e cinco anos, havia sido um homem comum e teria passado por esta terra de forma imperceptível, não fossem algumas ideias e fenômenos que passou a experimentar. Isto fez com que a sua vida tomasse rumos nunca antes suspeitados. Por ser tão desconhecido, não significa que ele mesmo não tenha buscado uma razão para a sua existência, isto é: se a existência o negou, ele buscou-a sem alarde.

Lia as explicações naturais de todas as coisas e podia-se dizer que tinha ajustado seu juízo à compreensão das leis e dos acontecimentos, tirando daí conclusões mais ou menos interessantes. Nos últimos tempos, beirando-lhe a velhice, quis descobrir a constituição da sua alma. Caiu-lhe nas mãos um livro de Platão. Olhou-o para poder retirar dele talvez alguma palavra mais segura. Concordou com a opinião do filósofo de na velhice estar como os cisnes: “Realmente, quando eles sentem aproximar-se a hora da morte, o canto que antes cantavam se torna mais freqüente do que nunca. Por saberem próximo o fim não cantam de tristeza, mas o som sublime e perfeito que enunciam é a preciência dos bens existentes que os faz cantar como jamais o fizeram.”

Mais adiante, o texto de Fédon falava dos contrários. Percebeu Cido Wolf que, em tudo, existe o outro lado. A aurora tem como oposto a noite; o frio, o calor; o movimento preciso, a precipitação; a tristeza, a alegria. Por que não terá a morte o seu oposto? Acaso é destruída a harmonia quando o uso, o descuido ou as intempéries destroem a lira? Acaso a música se perde quando o fogo devora a flauta?

Se prestarmos atenção à natureza, veremos que ela se manifesta com simplicidade aos sentidos e se completa no conhecimento. E o que

dizer da inspiração na qual, de imediato, se nos apresenta a verdade como uma pedra preciosa, dada de graça? Não será este dom um requício ou início de nossa alma que insiste em não permitir que fiquemos tão pobres?

E mais: pode-se dizer que um espírito paira e faz a brisa andar em sua velocidade e agradabilidade e se revela, também, nos brotos das canas e na rotação dos astros. Da mesma forma, uma alma habita nossos tendões e carnes e faz com que tenhamos tão exatos os movimentos.

Cido Wolf foi provocado pelo gênio de Descartes, que duvidava de tudo, mas não podia duvidar de seu pensamento, única fonte de fidedignidade. E tão perfeito o tinha que, mesmo em sonhos, foi-lhe dada a exatidão da geometria analítica. Acaso não haverá uma substância competente para explicar o mundo? Foi ter com Giordano Bruno e captou a noção de que ele, Cido, era um espelho necessário para o próprio Deus se contemplar. Orgulhou-se e, pela primeira vez, sentiu-se filho e intuiu que é no filho que os pais se contemplam e se enchem de satisfação.

Depois dessas considerações, começou a ser menos rude. Chorou por lembrar alguns pequenos milagres como aquele do tempo do internato, quando seu irmão, pequeno agricultor, mandara-lhe uma caneta, a primeira coisa decente que seus dedos manipularam na produção de pensamentos. Quando a perdeu um sentimento de frustração possuiu todo o seu corpo. Foi orar a Santo Antônio e, de relance, viu que o precioso objeto estava atrás de uma árvore. Foi até lá e encontrou sua **Pilot**.

Dessa forma e de outras, foi tendo a visão nítida do olhar de Deus. Mesmo na maçã corada ou no grande olho de um cavalo ou na austeridade de um caroço de pêsego e no cheiro de uma goiaba madura. Impressionava-se com o jeito que ia tomando sua alma. Não desejava a morte, mas, de tanto ter a alma quase perfeita, não temia mais a perda eventual de seu corpo. Assim quase aconteceu.

Andava Cido distraído pela rua quando um carro colheu-o. Ele mesmo expôs, com suas palavras, o sucedido: “Tudo o que me disseram depois coincide com o que presenciei no meu acidente. Senti que me desprendia do corpo. Via-o no chão. Gentilmente me juntaram, colocando-me na parte traseira do carro. Ouvia que diziam: ‘Está morto.’ Mas via tudo como se fosse a vida um pouco mais solene. A minha cidade, enquanto acompanhava meu corpo desfalecido, tinha ares diferentes. As casas antigas e as árvores de outrora estavam sendo vistas

por mim. Uma saudade de mim me possuiu quando entrei no hospital. Queria explicar o ocorrido, mas não pude por não ter mãos, nem o tom da minha voz. Uma sensação mais desagradável surgiu quando entraram na Emergência. Uma força me convidava a debruçar-me sobre mim e já não mais sabia quem era eu. Abri meus olhos e estava lá, vendo as enfermeiras atentas.

— Foi só um choque. A pancada no occipital paralisou todo o sistema nervoso. Foi uma pequena morte. Nada mais.

Cido, em dois dias, retornou para casa, mas jamais esqueceria o fenômeno de sentir-se dividido. Passou dias lendo sobre o transe invulgar de apreciar seu corpo inerte. Riu um dia, da altura dos seus setenta anos, pelo pensamento de a alma humana ter o dom de freqüentar o passado e o presente, de pressentir o futuro e de desvendá-lo de uma só vez.

Do acidente aprendeu a experiência de desprender-se do corpo e de andar por aí. Com freqüência quase regular, desfrutava da invulgar situação de viver duas vidas: a quieta, de seu corpo descansando, e a de sua alma a excursionar pelas estradas, vendo vivos e falecidos. Por julgar-se ridicularizado, silenciou por longos anos os seus passeios. No início, quedava em silêncio de olhar preso, para não perder nenhuma lembrança com distrações. Por entender-se em prejuízo mental, confessou para sua mulher o que se passava.

— Depois do meu acidente, ocorre que facilmente saio, nos meus sonhos, a ver o que não se pode ver com a mente perturbada pelo corpo. Nisso está uma visão nova. Eu me pergunto se estou sonhando e eu mesmo respondo: são velhos costumes da alma de nunca querer aquietar-se. Uma vez aprendido o caminho dos sonhos, não se contenta mais ela em ter apenas no corpo um fiel companheiro. Outras verdades, tão verdadeiras quanto as dos sentidos, são captadas. E não é simples deambulação da consciência, sem ordenamento. Não é a frágil imaginação. Existe seqüência em meus atos: há uma consciência mais viva e pacífica; uma penetração na alma das coisas e, tudo, ela fixa feliz. Persegue o conhecimento novo, não se perturba com o cansaço, nem com a intranqüilidade da emoção. Encontro, nesse desprendimento, uma leveza alegre e sutil como um vôo de pássaro, uma suave peregrinação. Posso, então, viajar e, mesmo, olhar todas as formas sentidas, tudo o que já tenha feito parte de mim; encontro velhos companheiros e subtraio deles o seu conforto, mais compensada se torna a fraternidade. Me

alargo tanto que já não mais me reconheço. E, ao passar em revista minha vida, por vezes, me incrimino de haver sido tão perturbada a minha percepção por uma contaminação de preconceitos.

A Lucídia, mulher de lavar panelas, alegrou-se com tamanha alegria que mal conseguia ficar calada por dormir ao lado de um homem com tais pendores. Disse:

— Homem de Deus! O que será, então, quando você chegar aos noventa?

E os noventa chegaram. Aí estava um fenômeno humano. O que os sonhos lhe traziam era algo em tudo desejável. Ria-se o próprio Cido Wolf das novidades, por algunsditas como celestiais e, por outros, como naturais. Mas ele insistia em dizer:

— As imagens que me habitam não são apenas consequência da minha fértil imaginação. Elas têm ordem e se distinguem das apagadas memórias. E é difícil que possa apenas ser insanidade. Tenho, durante a vigília, maior atenção, e o meu dizer não se confunde. Nem ao menos os sentimentos se enfraquecem ou se exaltam.

Aos noventa e três, Cido Wolf morreu. Sua mulher jura que o viu em sonhos bem mais interessante. Ela cuidadora de uma casa, citava Bacon: “Os filósofos e os teólogos esforçam-se por tornar a alma por demais uniforme e por demais harmônica, mas nada fizeram para acostumá-la aos movimentos contrários e aos extremos.”

ABETINO, O SIMPLES

“E um homem há de nascer que envergue a natureza humana, tirando dela uma incomparável virtude”.

Uma luz penetrava a casa, e Abetino ouvia, de tempos em tempos, o som do corote, rolando como se estivesse cheio de moedas. Contava o fato para todo mundo, mas ninguém lhe prestava muita atenção. Como ainda era um menino, davam de ombros e falavam:

— Coisas de guri cheio de fantasias!

Uma noite, porém, ouviu o corote rolando e se pôs de pé para, de uma vez por todas, tirar as dúvidas. Queria, mais que tudo, pegar algumas moedas de ouro que ouvia tilintar. Provaria a todos o quanto aquilo era verdadeiro e o quanto eram tolos aqueles que riam de suas afirmações. Pensava: “Eles vão engolir as palavras de deboche”. Mas, mais uma vez, ficava devendo para si o que a vigília não lhe dava. Jurou, ao chegar à janela, que ainda via fugindo os pequenos fantasmas, levando aos ombros o corote.

Como havia uma regularidade no aparecimento, atentou para ela, ficando desperto na hora certa. Mas, a esperteza dos fantasmas não deixava descobrir o corote. Apenas vozes no escuro desfiavam uma notícia:

— Betino, tem aí uma fortuna!

Vencido pelo sono, era despertado pelo tilintar já quase enfadonho das moedas.

Dois meses depois de toda essa insistência, voltando de repontar seu gado, viu que, junto à escada de sua casa, havia uma escavação. Nem titubeou:

— Levaram meu tesouro.

De fato, nada mais tilintou, nem mesmo uma luzinha se acendeu de novo em seus sonhos. Foi ter com seu padrinho para queixar-se da descrença em sua palavra.

— Filho, homem ainda menino, não lastime o ouro perdido. Tome como melhor outra lição: o tesouro mora no peito. Este não se escava nem se rouba. Ele existe.

Ainda mais se queixou o menino já quase homem: “Pois daí, bem debaixo da escada, debaixo de meu nariz, tiraram o que me pertencia”.

Aos poucos, foi silenciando. Mourejando no lombo do cavalo a repontar gado, a ajudar vaca a parir, juntou trocos feitos no mérito. Prontificava-se a tudo alegremente e, aos quarenta anos, havia esquecido o corote de ouro. As mãos calejadas centralizavam suas preocupações; faliram seus sonhos, que deram lugar aos costumes do campo. Uma esquadra de vulgaridades e pequenos negócios traçavam os seus dias. Pernejar era preciso.

Aos setenta anos, retemperou-se o espírito no pensamento de garoto. Suscitou nele uma pergunta: será que voltou o menino que eu fui?

Era simples, mas não lhe faltava o encanto. Por sentir-se mais fraco, começou a ficar sisudo, pendendo-lhe uma tristeza no rosto; um mofo havia, isto sim, em seu existir. Foi ter com o padrinho que já fazia oitenta e cinco anos:

— Homem de Deus, meu padrinho, providencie para mim uma boa opinião que não agüento mais ter que levar adiante meu corpo que se enfraquece.

Ao fim da conversa, saiu mais afoito. O homem velho providenciou um caminho para o afilhado, arranjou algumas palavras que lhe devolveram uma nova consideração. Assim se fez.

Novamente os mesmos fantasmas vinham-lhe em sonhos, fazendo barulho com moedas que tilintavam no corote; a mesma luz brilhava, igual àquela de sua infância. Antes que, possivelmente, levassem seu tesouro, foi consultar seu padrinho. Este lhe afiançou que não devia depositar na moeda o seu tesouro.

— Homem do céu! Vê se enxerga! Não é mais no poder das moedas que se sustenta o que quer que seja. Agora moras num edifício. Assim, onde poderá estar enterrado um tesouro em tal moradia?

De fato, no próximo sonho, teve uma mensagem: um velho laçador corria atrás de pequenos fantasmas que corriam à sua frente. Já exausto, ouviu uma voz que o consolava: “No peito e no pensamento, é tudo que se tem”.

Acordou-se e apenas a luz parecia que estava em seu apartamento. Começou, então, a ter uma nova instrução. Consultou-se com o padrinho, que lhe passou as primeiras lições:

... dos mundos que se tem a fortuna depende da palavra.

... a alma se enternece quando se pode conversar com a lasquinha de madeira.

... os fantasmas é que são nossa riqueza... a realidade por eles se aproxima, e se enchem corotes de tesouros.

... ali estão os ninhos vazios, mas, para terem alguma graça, dependem de pensamento que os sobrevoe com o coração.

Dessas conversas Abetino foi promulgando para si mesmo comportamentos. Afeiçãoou-se ao entendimento. Na medida em que se adelgava o corpo, perdendo as forças dos músculos, seu espírito tornava-se forte, colhendo de graça a vida.

De manhã, exercitava-se em pequenos escritos e mais e mais perfeita se delineava a natureza. E as conversas com amigos eram infinitas, embora pequenas. Do inverno, a bruma; da política, a enorme ladroagem; da cana, o vigor do vento; do futebol, a sutileza de um passe; da mulher, a sedução; da guerra, a paz e assim por diante... A conversa possuía as coisas todas e se alargava na solidariedade.

Quando, de noite, vinham os fantasmas, trazendo a ternura e a ideia, tudo percorria um caminho bom e, mesmo a austeridade tinha, afinal, uma demonstração de caridade.

Aos oitenta anos, Abetino envergava a presença da bondade. Aos noventa, seu passo incerto não fustigava um caminho nervoso; seus sentimentos estavam numa ordem quase divina de tão perfeita, e suas ideias contemplavam, com vivacidade, desde a grama até o seu passado que trazia com orgulho, pois que de seu trabalho dera sonho às suas filhas.

Em um desses dias de agosto partiu. Poucos perceberam a sua falta. A ele nada mais faltava. Assim acreditavam. Uma lágrima foi vista descendo, conforme o desenho das rugas... Apenas não sabiam esclarecer se era pela novidade que a morte lhe trazia, ou se era por aquilo que estava perdendo.

A DOUTORA EM CONVERSA FIADA

Ninguém pode fugir à exigência de buscar o agrado. E quem não busca a vantagem de exhibir-se? Mesmo o santo anacoreta, que vai sozinho ao deserto para sempre, está querendo mostrar-se ao seu Deus, vestindo do infinito o seu pequeno ser.

Durante a vida, de mil maneiras, cada um se agarra a objetos e experimenta a força do agrado. Alguns afirmam que, ao envelhecer, desconcentra-se o que a gente buscou como meio de idealizar a própria grandeza. Então, diante de pequenos objetos, adquire-se um grande agrado. Outros, ao contrário, perdem os pequenos e os grandes ideais terrestres; vestem-se tão somente do infinito e somente formulam sua recompensa aos olhos de Deus. Outros ficam com saudades de quando eram pequenos, sentindo, então, com oitenta anos, a falta de seus pais. A muitos basta retomar e contar como, “no seu tempo”, eram belos, fortes e poderosos. Exibem suas fotografias.

Fiedora Souza Lima, uma mulata estudiosa que, certo, nunca soubera qual das duas características lhe valera mais, estava neste período do início da desvalia. Mas como aprendera a driblar a má sorte, porque tivera um berço feito de palha de milho, saberia também concorrer com as limitações da velhice.

Numa terra onde a virtude da justiça era servida em migalhas, aprendera a usar de estratégias nem sempre as mais éticas. Mesmo a seleção para mestrado ela conseguiu, porque vira no olhar do principal membro da banca um desejo pouco acadêmico. No outro dia, diante do doutor, viera vestida de seus contornos e fora premiada: além da seleção, uma bolsa. Valeu-lhe isso, mais tarde, a aprovação num concurso para ocupar uma cadeira na Universidade.

Sua família, por vê-la subir mais alto que uma estrela, tinha-a como uma vencedora. Durante trinta anos, ministrou aulas de antropologia e, tendo pesquisado, descobriu ao menos uma parte da forma humana de ser. Cansou de levar aos congressos de sua especialidade

as novidades da ciência. Seus estudos eram bem publicados e até seus alunos repetiam confiantes que estavam com a verdade.

Perseguiam-na, porém, muitas dúvidas sobre os escritos a respeito dos costumes. E, ao final, viu que não havia estudado o principal. Fiedora Souza Lima concluiu, por si mesma que a vida dos povos estudados não estava sendo exaurida nas investigações. A delineação das estruturas mentais das culturas perdia todo o ser das pessoas. Com a preocupação da linguagem científica, perdia-se toda a sabedoria: os ledos cantares e as conversas do entardecer; as formas da maturidade e a concupiscência da carne; a apreciação das flores e o choro da saudade. Nada disso se fazia importante nos seus conceitos teóricos. Entre a ciência e a sabedoria dos fatos afetivos, sempre estivera inclinada a adotar a medida da neutralidade objetiva. Seu prestígio havia sido conquistado na verdade das ciências, e uma linguagem higiênica se punha sobre o falar leve de quem divaga ou sonha. Fora fiel aos preceitos da rigidez intelectual.

Agora aí com seu mestrado, desgastada com a chegada de novos doutores no seu campo, ficava a indagar sobre sua importância na Universidade. Então, as dúvidas e os olhares dos jovens cientistas foram-lhe precipitando uma decisão. E mais ainda ficava atenta às relações cordiais e às palavras simples dos trabalhadores da roça e das donas-de-casa. Dos grandes eventos antropológicos e dos sistemas, passou à casa das pessoas que ainda viviam. Viu, nesta sua consideração, que estivera longe das casas. Foi anotando no caderno suas observações e cada vez mais se convencia de que o estudo realizado até então estava mais para quem curte couros de animais mortos do que para quem se delícia com seus movimentos, vozes e cores.

Quando a mestra foi festejada nos seus sessenta e cinco anos, e todos esperavam que fizesse sua despedida, comunicou sua decisão de fazer doutorado.

E sua tese, depois de três anos de atenção, recaiu sobre o tema “Do valor da conversa fiada: um instrumento humano para a educação”. Todos estavam admirados de como aquela estudiosa conseguia desenvolver algo respeitável com uma motivação tão vulgar.

O que, porém, motivava-a era o prazer e a vivacidade do tema. Diria mesmo que tinha aprendido a pensar, mas não a amar. A angústia dos sessenta e cinco começou a se dissipar com a certeza de ter nas

mãos um cotidiano mais apaixonante que todas as centenas de povos dissecados. Para obter maior densidade no seu propósito, começou não só a observar, mas, sobremaneira, a viver o cotidiano dos agricultores, dos “chapas” da vila, das velhas e dos velhos, da mãe sem pão e o dela própria. Assim, passou por três anos muito engraçados e, mesmo, surpreendeu-se chorando quando sovava o pão com suas mãos acostumadas às canetas. As anotações foram surgindo, mais parecendo provocações para um poema que para uma tese de doutorado.

Colheu tantas particularidades que julgou não fossem procedentes as afirmações generalizadas, mas, porque a tradição escolar exigia, pôs as generalidades ao agrado do supervisor e sentiu-se frustrada ao coligir preciosidades populares, as quais foram desconsideradas. Depois da defesa, teve a liberdade de confessar que defendera mais o que não lhe interessava. Mas, de todas as formas sob as quais se considerasse seu trabalho, ele revelava os traços da vida de uma população e os dela mesma. A primeira parte tinha a ver com a suposição de que a vida não está onde oficialmente deveria estar.

“Das primeiras impressões sobre a conversa fiada das pessoas que eu amei.

“Ouvia, como suave música o rumor das palavras que elucidavam, sóbria ou sobejamente, a troca que faz a vida no contato das pessoas com tudo o que lhes diz respeito. Disso brota a conversa sem controle. Não se busca outro resultado a não ser o de tecer as opiniões, as mais espontâneas. O tempo das conversas fiadas é um tempo de vida, é logo, apaixonante e plástico. O lado do tempo das ciências constituiu-se em captações lineares e sem coração. Há um mundo oficial: aquilo que está posto em sistemas. Há o mundo da vida: o mundo do qual me ocuparei.

“Foi surpreendendo a vida que nós fizemos um pacto: eu deixaria que fluísse imperturbável, sem querer deformá-la, e ela me revelaria os seus próprios segredos.

“Não tem outro jeito: é nos joelhos dos mais velhos que mora a revelação de um povo. Os costumes custam uma vida e a liberdade.”

E, sobre as cercas dos vizinhos, Fiedora ia colhendo, palavras por palavras; encaixando sentimentos e opiniões e não foi nem uma nem duas vezes que chorou de ouvir a vida tão transparente...

O entardecer, então, tornou-se uma hora própria para aprender o que os outros refletiam. E ia auxiliando os outros para que pudessem pronunciar-se claramente e sem medo. Usou Spinoza como fundamento para sua terapia caseira: “Mais amigas se tornam as paixões, quando podemos vê-las claramente...”

“O pensamento é como um pastor: se não for cuidadoso e vigoroso, lá se vão todas as ovelhas.”

Passava Fiedora a limpo as descobertas que fazia, aprendendo a palavra, na qual andavam velados os desejos e os sonhos maiores. Nunca pensara na vida; só aos 65 começaria a ter tão longa a visão das pessoas e largos os seus próprios sentimentos. Mais que tudo, tornaram-se brilhantes suas ideias na contemplação da realidade. E viu que os seres são feitos das palavras de fabricação caseira. E quando estas se perdem, então, a vida se torna como um pássaro desnortado.

“Na família, a mulher é que tem o poder e o fervor. E que animal sensível é a mãe. Nos lugares mais pobres, a única força está nela, que cuida dos filhotes, como um tigre.”

Aprendeu, de tanto ouvir, a amar os seus desdobradamente. O exercício da intimidade, ouvida mil vezes, de formas diferentes, fortaleceu-lhe o ânimo.

Julgando Fiedora não ter, depois da aposentadoria, um consistente rumo, deu de cara com a maior surpresa: foi aí que a vida revelou-se. De fato, começou a exhibir um agrado especial.

Vinte anos haviam se passado nesse intercurso afável de aprender o sentido último das coisas, quando escreveu um livro. Não mais nos moldes de sua tese de doutorado. Um pequeno livro onde, limpidamente, apresentava a sua opinião sobre o essencial de tudo que havia praticado. Concluía-o, dizendo que na vida havia se equivocado ao defender tanto as instituições.

MAXIM THEODOR LEVONIUS

Esta história foi-me revelada por meu pai. Muito mais, porém, se retira da vontade e da imaginação que da cópia que tento passar adiante. Explicava-me o senhor meu pai:

— Esses alemães-russos estão pobres e sem-pátria. Só mais pobres que eles os poloneses, que, para esquecer a dor de toda a Polônia, desafogam num copo o azar de andarem perdidos.

Quando chegava setembro, com suas brumas, vinha entre elas Maxim Theodor Levonius com sua parelha de cavalos fogosos. Outras carroças com seus cavalos reluzentes vinham da mesma direção. Via neles muito mais que as notícias de meu pai.

Por olhá-los de longe, mais privava com eles a fantasia que o reto pensamento. Invejava-os quando vinham em suas carroças trazidas por seus cavalos lisos e fortes. Via tão pouco, pouco além das amáveis casas da Linha Divisa, mas o infatigável e temente menino se enchia de sonhos ao vê-los. Entravam em mim como a liberdade. Era um guri apenas, frente ao infinito de onde saíam os alemães-russos. Eu aí a ter que controlar a vida de todas as maneiras, e eles passando livres diante da minha casa. Eu acostumado a ler numa cartilha de prescrições severas. Em régua, em relógio, em catecismo, fui pondo os pensamentos e todo o coração com todos seus apelos.

Da poesia, a métrica; da religião, os mandamentos; da ciência, a lei; dos outros, o respeito; da mulher, casamento e filhos. Tudo se encaixava seguramente, que era para o menino não se perder. Por isso esta vontade de ser Levonius, o livre.

Levonius passou e agora, depois de quase cinqüenta anos, retorna. Diviso o alemão-russo envelhecido. Cem anos é o seu tempo e a conversa de um século se faz doce e sábia. Voltou com bagagens de saberes instruídos por conta própria. Não estava contaminado como eu na instrução copiada, tinha ele a sua palavra. Eu quieto ouvia de suas lições, pois minha instrução era pequena.

— Os elementos que compõem o mundo são feitos de palavras que nós mesmos fabricamos. A nossa verdade tem a que lhe damos cara e nada mais. Em torno das mesmas coisas podem ser tomadas as cenas mais diferentes. A minha fábrica de fazer os seres já se abrilhantou em amar as diferentes formas.

Aperto meu peito no começo de todas as estações, pois sei que se renova a natureza. Em cada uma delas se refazem os seres. Nenhum mandamento me pribe; fica esta generosidade de poder estender a mão e dizer palavras renovadas.

Outro dia, ainda bem cedo, quando os fantasmas não se haviam retirado todos, veio Levonius ter comigo perto das parreiras velhas. O seu jeito era tão simples que se assemelhava a um canário ou a um pássaro qualquer. Acenou-me para que chegasse mais perto e repetiu duas ou três vezes que aí morava a graça de ser. Mas logo em seguida, tornou-se austero ao afirmar que a verdade, para quase todos, reside na invenção de dar razão a alguns pré-juízos. Aí ficam todos se perdendo em torno da vida adulta, da branquice, da machice e de outras configurações sem importância. Perde-se em tudo a ecologia do espírito quando diferentes formas de vida deixam de existir. Repetia:

— Assim se constrange a vida e chora copiosamente.

Levonius retirou-se não sem antes contar esta história:

— Fui ver um amigo, companheiro de cem anos, um tronco de muitas rebentações. O que nele se reproduzia era a paz. Dizia-me que os talentos são singulares e se aperfeiçoam na forja do tempo. Pedi-lhe que me ensinasse algum pouco de seu talento de estar em paz. Andava agitado e infeliz, por isso desejava a quietude pacífica e despretensiosa. Levou-me para o interior de sua casa e, por qual passagem não sei, até uma pequena floresta onde se podia ouvir nitidamente o canto dos pássaros. Descobri, em tal magia, que retornavam em cada pequena cena os acontecimentos do passado e nisto consistia a felicidade de ficar velho. Não eram mais as mesmas coisas, uma vez que renovadas. Vi que os deuses habitam na transformação. É preciso conviver. Envelhecer é como se a natureza toda tivesse pressa por se revelar completamente. Mais sabe a vida que a nossa consciência. É preciso avançar na pretensão da vida.

Espero que, além de Levonius, retornem todos meus fantasmas e possa conviver com eles em paz. Entendo que isso me foi dito para que aprenda, de uma vez por todas, que avançar pode ser também retornar.

O RELATO INCONTIDO

Tinha para mim como tudo terminado. Eram estes os contos e desencontros reservados para relatar. Mas foi nas férias de 1997 que me surgiram três velhos, cada qual dizendo de seus entendimentos sobre a vida e a morte que se assoma quando sentem que seus dias, pela regra, estão mais ou menos contados.

Uma senhora ainda viva e dois falecidos. A primeira, por ser viva, nomino de Unção Sagrada.

Os dois outros são velhos conhecidos de quase todo o mundo: Jorge Luiz Borges e Carlos Drummond de Andrade.

É Borges quem afirma de sua visão, pela boca de Alexandre Ferri, no relato de o Congresso:

“Não me dói a solidão; já é bastante esforço alguém tolerar a si próprio e as suas manias. Noto que estou envelhecendo; um sintoma inequívoco é o fato de que não me interessam ou não me surpreendem as novidades, talvez porque perceba que nada de essencialmente novo existe nelas e que não passam de tímidas variações. Quando era jovem, me atraíam os entardeceres, os arrabaldes e a desdita; agora, as manhãs do centro e a serenidade”

Parece haver uma serena vida ou morte que se encontram em todas as coisas, concedendo-se a chance de uma suave despedida.

Em Drummond de Andrade, no livro *Farewell*, são revelados perfis mais sombrios da velhice, vistos por seus olhos já envelhecidos. Uma espécie de dor infinita e revoltada se mostra ao poeta, e uma ternura se associa ao horror:

*Ó bendito passado que era atroz,
e gozoso hoje terno se apresenta
e faz vibrar de novo a minha voz*

*para exaltar o redivivo amor
que de memória-imagem se alimenta
e em doçura converte o próprio horror.*

Ainda mais doídos se lhe apresentam os sentimentos em “A carne envilecida”, onde quase chora quando diz:

*Volta a carne a sorrir, no vão intento
de sentir outra vez o que era graça
.....
e nada se resolve, e o aroma espalha-se
de flores calcinadas e de horror.*

Perdura, entretanto, no poeta, o sentido do passado imperecível. A mão e o corpo ainda vivem e “têm o antigo calor de quando éramos vivos”.

*Hoje somos mais vivos do que nunca.
Mentira, estarmos sós.
Nada, que eu sinta, passa realmente.
É tudo ilusão de ter passado.*

Mas em Verbos diz que:

*Jamais se soube ao certo
O que oculta um deserto.*

Mais esperançosa e confiante em sua alma que em seu corpo doído, veio União Sagrada. Pôs certeza na imaginada esperança a qual nela transcendia à quimera de um corpo passageiro. Esse encerrava o

infinito imperecível de sua alma. Rezava a Deus convictamente. Como-via-me profundamente e, sinceramente, invejava-a por ter mais que as convenções pobres das palavras. Dizia que era possuída pelo absoluto. Guiava-a o bom senso e quando eu lhe disse que possivelmente estaria jogando com a imaginação, para se ver livre da morte, afiançou-me que não queria filosofar sobre sua intuição profunda e a ternura de todos os anos que passou, conquistando sua certeza. Mais dizia:

— A dor, a morte e a palavra não esgotam toda a verdade. O infinito existe e por que não podia ela fazer parte desta sorte e continuar amando com sua vida imperecível? Não só as conversas de minha razão governam minha existência.

Assim falou ao meu ser dividido. Não sou dono nem de minha vida e nem de minha morte, contrário do que pensa Borges.

Manifestação dos preconceitos

As semelhanças com a sua comunidade e a sua casa

Ideias principais a defender.

Destacar as qualidades dos idosos no texto.

A qualidade de vida a defender a partir dos indicativos do texto.

As resistências da sociedade frente às mudanças propostas

Escreva um texto sobre a T.I. a partir do texto.

Ações políticas a serem praticadas.

AS MUDANÇAS NO ERIBERTO

Quando, no meio da vida, veio visitá-lo a morte, constrangidos ficaram o pensamento e a vontade. Consolava-se com muitas coisas: “Não foi ele que ficou pendurado entre dois perversos homens? Não foi ela que ficou sem o filho no meio do caminho? Não se perdeu a razão no meio de um belo juízo? E a festa daquele que, na dança, fez ruir a casa? E não esteve Abraão a ponto de sacrificar seu filho? E não se foram tantos meninos defendendo a pátria, sacrificados por políticos que negociavam as fortunas com os inimigos? Não se deixou de curar a criança e de estudar o jovem, porque se repartiam entre poucos os recursos federais? Não se espetavam os índios, como se fossem gafanhotos, em nome do Senhor? Não vieram os estrangeiros pedindo a escravidão por cinqüenta anos em troca de uma feliz eternidade?” E assim por diante.

Passou Eriberto dos sessenta aos setenta anos, querendo justificar o abandono a qual foi submetido. Ainda dizia: “Consola-te, homem de Deus, pois, afinal, não viveste bem setenta anos?” Esta foi a primeira fase da velhice de Eriberto Pascoal, aquele que tinha outro por dentro. Os dez anos que o tinham como aquele que devia morrer se passaram. Pôs-se a duvidar das certezas por começar a sentir-se ardente no amor e nos sonhos.

Aos setenta anos, por sentir-se vigoroso e como tardasse a morte em vir, mudou seu comportamento. Da amargura, passou à inconformidade, agredindo a todos por terem tolhido o seu passo. Falava sem medir a palavra: “Ignorantes é que sois todos vós, pois tereis a mesma sorte. Breve será o sorriso de vossa onipotência. Se agora não arranjais melhor sorte os velhos, quem a arranjará para vós? Acaso sabeis que, nos séculos, os jovens sempre sonham? E no que deu tanta ilusão? Agora, tendes nos lábios um sorriso de piedade, mas mal sabeis vos proteger. E vós, insanos políticos, que gastais mais da metade do que é de todos em obras sem razão, quem zelará por vós quando o poder estiver em outras mãos?”

Vendo Eriberto que com sua dureza arranjava piedade e solidão, buscou outra saída. Jurou que não iria embora sem ter experimentado novamente da árvore da graça. Retirou-se para, sozinho, arranjar coisa melhor e não morrer desprezado. Pôs em sua boca um canto gregoriano e orava:

*“Envergai o rígido
Aquecei o frígido
Conduzi o errante.”*

Um divino manto impôs sobre os seus sentimentos e ideias. Acendeu fogo à noite e, pela manhã, punha seus olhos no horizonte. Sentiu trabalho das abelhas e o mugido gratuito do gado. Em tudo colheu a particularidade.

Na noite da Páscoa, subiu ao monte e invocou o nome de Jesus até o dia clarear. Cantou como monge a canção da caridade: *”Mandat-um novum do vobis⁴”*.

Depois de longo tempo, voltou aos seus, e três foram as suas principais virtudes: o serviço, o conselho e o silêncio. Não lhe faltava a palavra certa. Oferecia-a para que se somasse à cogitação daqueles que teriam que fazer o bem. Porém, acima de tudo, vivia da arte.

Assim, voltou-se um sorriso. Definitivamente, havia desistido da humilhação e do amargor. Acorreram-lhe os netos e toda a gente que o conhecia. Apenas um dia viram-no concentrado. No outro, foi embora.

⁴ Dou-vos um novo mandamento.

QUADROS QUEBRADOS

Nesse período, em 9 de abril de 1994, veio-me, pela manhã, uma das criaturas da nova ordem humana para o envelhecimento. Narrou-me alguns momentos do seu despertar para uma nova história pessoal: “Não tenho a ilusão de uma eterna juventude. Apenas minha alma tem certa presunção. Sei lá se isso também não passa de um sonho. Mas, até mais admirável é esta sorte que eu tenho de poder sentir, como válida, certa e boa, a minha vida depois do sessenta.”

E continuou contando-me algumas observações e fatos colhidos durante a semana. Fiquei calado, ouvindo sua disposição de ouvir-se melhor na nova interpretação da vida. A sua exposição confirmava a ideia que me afiança ser bom reimprimir o que nos agrada e ser bom reimprimir o que nos desagrada, conquanto seja tudo feito num ambiente amável. A elegância alegre de alguém que escuta faculta ao que fala retomar a vida e os fatos, imprimindo a eles um vigor amável ou, ao menos, suportável. É o mesmo efeito de tomar nas mãos um pano agitado ao vento: quem, por temor, via nele um fantasma afasta agora o medo e pode nele até se agasalhar.

Ela assim falava: — “Enquanto, com as pontas dos dedos, juntava os farelos do pão para levá-los à boca, ouvi uma voz, quase nítida em mim, que dizia: ‘Veja, ó mulher, se exhibe alguma coisa decente nesta vida. Não deixe por menos’. Perguntei para quem me falava dentro de mim: ‘Pois, o que se tem para exhibir aos oitenta?’ E a voz curta e gentil afirmou: ‘Qualquer coisa é de maior importância. Exiba tuas mãos num retrato fiel do momento.’ Risquei com lápis preto minhas mãos, juntando o farelo e mais o pão. Não ficou bonito? Até eu achei que a coisa mais simples deste mundo pode ser exibida quando os olhos ainda têm luz!”

A cuidadora da nova ordem tomou a minha mão e sinceramente concluiu:

— Há, de fato, o espírito do pão, uma alma do mundo falando nos farelos.

À tarde, chegando aquela hora em que se junta a luz à escuridão, quando tudo tem uma tintura silenciosa e profunda, foi a vez de me calar por aquilo que estava acontecendo. E isso vale uma reflexão, mesmo que seja extraviada.

De fato, às vezes, as imagens que se criam pela fantasia não chegam aos pés da realidade. Estou para crer que nunca chegaram perto dela. É pena que, por vezes, ela seja fortuita e fugaz e não possa se repetir. Não sei ao certo o que é que se releva em certos instantes: se é Deus, se suas sábias leis, se apenas o espírito das coisas. Só sei que mesmo o triscado de um pequeno passarinho pode conter o infinito em sua pompa.

Mas, se os fatos pequenos das coisas inanimadas podem conter Deus ou a invisível lei que encaminha tudo para um lugar certo, então, o que dizer de uma pessoa de oitenta anos? Meu Deus, tudo é possível! É ela que contém, em qualquer canto de sua alma, as coisas transformadas. A vida por excelência aí se deposita e aí tende a se mostrar. Há um volume que não pode ser desprezado.

Foi isso que observei na segunda-feira, vendo e ouvindo duas mulheres de boa idade: Olha, Ernestina, parece que estou outra, de fato, estou outra. Não me reconheço mais. Não me passou a dor de meus últimos dentes e nem ao menos melhorou o meu ouvido, que quase está surdo. Mas estou viva. E já me pergunto sobre qual o meu papel dentro da minha casa e o que devo fazer com minhas amigas. Tenho acertado com o vigário uma tarde de oração: é minha tarefa social.”

Não pude ouvir mais nada, porque as duas se afastavam. Cailei-me. No meu pequeno lugar, fazia silêncio. Eu mesmo já estava um pouco recuperado das minhas desilusões.

Era uma sexta-feira. Me lembro disso porque era alegre a manhã, véspera de fim de semana. Mesmo que tivesse trabalho até no sábado, só o fato de poder estar com o tempo livre dava-me uma sensação de liberdade. Pouco importa agora essa consideração. Era uma sexta-feira. E as sextas-feiras, assim como os segundos, passam na vida da gente a ter personalidade física. Passou por mim a Paulina, trazendo no olhar a vontade de falar. E foi o que fez:

— Você sempre fala que é preciso ter uma tarefa a cumprir. Eu quero me ver livre delas. Não é preciso muita coisa depois dos setenta. Basta um pouquinho só de razão.

Alterei um pouco a voz em defesa da minha posição:

— Mas como fica a memória? E o pensamento, com vida levada a esmo? O brilho de pensar carece de dedicação.

Olhou-me a Paulina como se a palavra não fosse com ela, continuando sua prosa:

— O que importa é viver. Acho, professor, que não é preciso muita coisa. Estou é devagar, que é para não perder nada. Essa mania de ter sempre uma grande responsabilidade e culpa não é mais comigo.

Cheguei ao ponto de me irritar com Paulina:

— Está bem... Cada um tira o lucro da vida que julgar conveniente. De minha parte, não quero estar por aí me apagando, tendo a mente sem clareza.

Retrucou sem emoção:

— E quem disse que se apaga a mente quando não está mais metido até o pescoço no meio das coisas? Agora vou para minha casa ver minha novelinha e levar um chá para a vizinha.

Fiquei quieto. É o que mais estou aprendendo. A vida tem seus caminhos e estou cansado de pôr o mar numa conchinha. Mais tem a vida que eu. Quem é, pois, capaz de saber o que é mais importante: o rebanho ou o prado? Quem disser que é prado ou quem disser que é o rebanho, a ambas vou admirar. Estou disposto a não perder nem um cochilo!

JUVELINO MESSIAS PAMPA

Juvelino Messias Pampa estava velho. Um cansaço permanente e triste havia se instalado nele. Era como se a silenciosa morte lhe envolvesse o corpo.

— Decerto que minha alma ainda deve agradecer a Deus, mas o quê? Resmungava aflito. Se pôs sobre mim a tenebrosa noite e a lua não está mais acordada.

Os oitenta estavam por demais em seu corpo.

Os sessenta vieram como brisa. Os setenta vieram como as brumas de setembro, mas havia flores e perfumes. Os oitenta é que não estavam de acordo com seus sonhos. Dobravam-se as costas e seus intestinos e joelhos reclamavam. Rezava em seu interior.

— Um deserto é que está sendo a minha vida e as chuvas de verão não chegam.

Dizia suas orações, que nada pediam nem agradeciam, apenas apresentavam o seu silêncio.

— Então é isso o que me sobra. Mas, se penso, existo.

— De que adianta pensar se não dá para existir sem um bom coração. E minha prece já não invoca nem provoca. Confabulo na solidão.

— Sou um velho arquivo!

Sombras, sombras meigas algumas, mas a maioria delas já não tinham apelo. Mesmo de sua mulher já não guardava o sorriso. Que era a única coisa que até então concedia um sentido. Estava numa casa de onde todos haviam partido. Já não lutava bravamente para conservar nem o vigame, nem o telhado. E tinham se acabado também as sombras meigas.

— Que tempo é esse em que fluem os pensamentos sem destino? As lembranças já não lançam aos objetos seus encantos. Nem dos objetos me sobrevém um sinal de misericórdia ou fagulha de ferreiro

para despertar meus olhos. Minha boca desligou-se do coração. Minha língua não aprecia a palavra. Minha cabeça carrega inutilidades.

Foi ter com uma das filhas entendendo que do fruto pode vir uma semente, mas não veio.

— É esta a vida, pai.

— Que vida, filha!

Ponderou.

— Já é meu desespero. Pulsa meu pensamento como um produto morto e não se lhe alcança meu coração.

Se ao menos em Saramago palpitasse um pouco de verdade. *Parece coisa pouca mas é da conversa das mulheres que vem a salvação do mundo.* Pois será que é da palavra a salvação ou será delas mesmas o maior dom da humanidade. Foi ter com umas e foi ter com outras.

Então Juvelino pôs-se a recolher como um pastor as tresmalhadas lembranças das mulheres que haviam sido suas companheiras. Trouxe a mãe, sua avó, as irmãs e as primeiras namoradas. Trouxe a mulher companheira maior e suas filhas. Recolheu em si a professora, imagem viva de sua paixão infantil. Teve em Nossa Senhora dos naufragos o seu pensamento e em todas procissões das santas.

Trouxe mais que todas uma delas, a morena, que lhe fora um só momento afável, tanta ternura, mas tanta, mais que a fala, fora sua mão em seu rosto e seu desejo de um pouco de poder, mais que de amor.

Ela lhe movimentou o corpo na direção da vida. Prestou mais atenção na lembrança e levantou-se o pé debaixo de seus pés.

Teve um pequeno sonho: era um morto que respirava e uma água lhe banhava o peito. Via Nossa Senhora em tom de azul levantando-se do túmulo. O azul e o verde leve entre os suaves anjos. Acordou-se, pois, e suave. Juntou a última lembrança da morena. Ao retomá-la viu, então que tinha uma reconciliação, um perdão, uma dívida a ser paga, uma comunhão inaugurada, a vida que se instalava plena. Das trinta mil mulheres que haviam se criado em sua memória só ela movimentou um sentido poderoso. O movimento das estrelas tomou seu corpo. Ponderou, então.

— Não se sabe de onde vem a salvação! E que há de força divina naquela morena que apenas consistia numa lembrança passageira?

Nela transitava a história da humanidade. A necessidade do encontro. O volume oneroso da culpa dos brancos e dos homens em se terem maiores que os negros e as mulheres. Impôs-se em Juvelino não só a culpa mas a reparação. Não só a reparação, mas a ternura. Sentiu-se Juvelino a criança que precisa de um seio e de um aconchego, e aí estava a morena devolvendo-lhe o sentido que lhe faltava. O perdão que ele invocara e o carinho amoroso. Pois dissera um dia a mulher morena, ao reclinar sobre o peito de Juvelino o delicado rosto: “não me maltrate, já nos bastou o sofrimento de nossa raça”! E doeu-lhe a possibilidade de ferir aquela mulher. Mais do que não feri-la, vinha-lhe o propósito de torná-la feliz. Mas quem sou eu, pensara, que não tenho poder sequer de aliviar a minha dor.

Conformou-se de não poder reparar em sua impotência o mal que não tinha mais retorno. Não podia devolver a água limpa a quem no tempo certo deveria tê-la bebido. Não podia retornar do grito à palavra. Não podia enxugar uma lágrima sequer. Chorou apenas por ver chibatas e ordens e o choro silencioso dos negros e das mulheres. Era branco, mas não podia aliviar o peso. Pensou que a morena amável poderia, sim, ter o benefício, que ao menos fosse de sua ínfima amizade guardada no coração. Arrepiou-se a pele, e a ternura envolveu-lhe o corpo. Uma lembrança apenas, nunca imaginara, poderia refazer sua alma. Misericórdia e calor, era disso que precisava.

Passaram-se os anos e agora retornara a sua amiga morena, já não mais em lembrança e imagem, como em simples devaneio. Veio-lhe carregada de amores ainda não cumpridos, de promessas e colheitas. De fantasias e virtudes. De sangue e suor. Lágrimas e sorrisos. De fogo e candura. Por todos os poros veio a mulher devolver-lhe a vida que havia se perdido.

Se recompôs sua idade e reconciliou-se com o seu tempo de oitenta anos. E aprendera, de vez por todas, que o ser pode se romper ou ter-se em movimento sem fim.

Quem é que me institui?

De nada adiantou rezar ou buscar em sua consciência a responsabilidade para tentar existir. Daí não surgiu nenhum horizonte que lhe apontasse uma compreensão amável de si. Produziu muito com a vontade sobrance, mesmo debilitado em suas forças, mas nada provinha para poder dizer, eu existo. Buscou fora de si: nada adiantou; ninguém lhe

retirava a indiferença. Disse, sem muita expressão, “estou no inferno”, pois pouca é a esperança. Mas foi em frente desde a suave Nossa Senhora até o infinito Deus que lhe aprouvera um dia. Disso tudo apenas resultou um pouco de paciência. Consumiu todos seus bens e olhou as circunstâncias. Manipulou todos os objetos ao alcance de suas mãos. Disseram que disso poderia provir uma existência mais sensível. Leu todas as poesias de sua cidade uma vez que lhe afiançaram que a única certeza era o encanto, pois o resto seria falácia. Em tudo, porém, aparecia seu próprio aniquilamento. Buscou caminhos e procedimentos, e em todos eram mínimos os resultados. Foi além da simples intenção, avançou para o cuidado, mas lhe faltava a ternura para que ambas as virtudes tivessem sua eficácia. Foi ao psiquiatra, pois que lhe disseram “tuas economias eróticas estão no fim, a idade está a lhe provocar hemorragias no amor”. Examinou, palavra por palavra, o seu ser ambulante e suas perversões infantis e disso também nada proveio.

Não fora a lembrança da morena! Por todos os poros veio a mulher a devolver-lhe a vida.

Perguntou-se qual a força que lhe viera da lembrança e suas respostas fluíam quase como um poema. Arrepiou-se a pele, e a ternura envolveu-lhe o corpo.

Lembrou-se do momento em que sua morena infiltrara-se nele como lembrança. Trazia a dor do desprezo branco e reclinou-se ela em seu peito solicitando prioridade entre todas coisas das quais se ocupava. A mão da morena em seu rosto revelava a ternura de todos os tempos. Toda a humanidade pedia fraternidade. Da lembrança-imagem-feminina-morena viera-lhe a necessidade de tantas vidas desprezadas e o seu corpo velho começou a tomar fôlego na consideração que tivera. Pela dor e pelo respeito que sentira, pela história escondida na mulher reclinada em seu peito e na mão em seu rosto, a comunicação retornava em sua própria direção. A tensão de seu espírito recolheu-se nas mãos da morena e a cabeça da mulher reclinou-se sobre sua própria ausência. Ah! sim! O seu corpo debilitado não fez nada mais que fazer sua memória se contrair, pela morena, em compaixão. Apresentou-se ela à experiência de si e o penetrou.

Então, como em oração falou ao seu próprio coração e a quem quisesse escutá-lo.

— A humanidade recolhida com delicadeza, pelo corpo moreno da mulher, debruçou-se toda sobre mim. Atingiu a minha alma devolvendo-lhe o sangue necessário. Meus tendões e minha pele, meus músculos e meu cérebro foram irrigados em comunhão. Ao ter o contato respeitoso eterno, captou-se a luz da qual é feita a alma. Como na casa onde estou se solidarizam todas as peças e se integram fazendo minha morada, assim na morena toda a raça negra e as mulheres se reuniram e tomaram o meu ser inteiro. Nada mais é supérfluo em mim. O meu corpo salvou-se pelo cuidado de um momento.

Lançaria mão desta força para ver todas as coisas e suas mãos recobririam o afago.

— Meu pensamento refletirá da melhor forma possível o nome de todas as coisas e minha ação se proverá de uma fala familiar e ponderada. Não posso mais ficar sozinho.

Por aqueles dias, ao vê-lo tão maravilhado, encantaram-se os seus e toda a comunidade. Diziam seus netos e bisnetos que podiam arranjar-lhe uma mulher, pois que não se pode perder um homem tão inteiro.

Então, sua boca pronunciou o nome dela.

Mesmo que seus netos e bisnetos não entendessem o que lhe ocorria, falou.

— Quanta liberdade pode provir de uma mulher escondida em nosso espírito!

Somente o pequeno bisneto entendeu a força da memória de seu bisavô. O menino perguntava de onde vinham seus cavalos e seus cavaleiros e tantos seres imaginários carregados de sustos e ternura. E queria saber que mulher era aquela que havia devolvido a força ao seu bisavô.

— Meu pequeno, não se sabe os caminhos de Deus. O certo é que falei com ele e não me respondeu. Mas, queria que na mulher morena, estendida em minhas lembranças, se pusesse o poder da vida.

No abraço ao menino se refletiu o regaço da morena.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br

denunciadora, a obra é pedagógica enquanto promove com seus personagens uma nova interlocução sobre o tema em questão. Para o autor parece haver uma nova condição humana a ser celebrada, pondo-se em dúvida antigos projetos educacionais.

Algumas narrativas são propositadamente polêmicas, outras poéticas, mas, por certo, rompem com as surradas representações sobre a vida humana.

Agostinho parece representar, na obra, sua própria inconformidade com algumas formas institucionais impostas por demônios autoritários e deseja exorcisá-los em alguns dos seus contos.



Agostinho Both - Autor de diversos livros. Artigos em inúmeras revistas e em capítulos de livros, todos de natureza acadêmica. Após a aposentadoria, escreveu romances sobre temas relevantes de nossa cultura. Possui estilo literário livre de preceitos acadêmicos. A bagagem, como professor e administrador universitário, faz com que penetre com estilo leve e crítico nas questões do cotidiano da nossa cultura. Acima de tudo, busca forma pessoal, advogando a estética em primeiro lugar.

Contos do Envelhecer faz parte do movimento social em favor de uma política social e existencial coerente com os desejos que acompanham homens e mulheres em seu desenvolvimento tardio e que se sentem frustrados em não ter mediações capazes de atendê-los. O autor anuncia um potencial inesgotável na velhice e constrói projetos lendários os quais anunciam identidades expressivas e comunidades mais interessantes.

Parece haver no pensamento de Agostinho uma pedagogia a ser mediada pela longevidade. Há um clamor pendente e uma dívida reclamada e a ser paga por uma nova gestão social das idades.

Contos do Envelhecer quer encantar e solidarizar-se com a vida em toda sua extensão.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

